



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**Quando o chão é água: dinâmicas de transformação social em bairros
alagados na cidade de Maputo e Matola**

Candidato: Salomão Manuel Nicasse

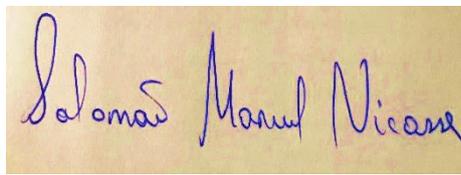
Supervisora: Prof^ª Doutora Sandra Manuel

Maputo, Maio de 2024

Quando o chão é água: dinâmicas de transformação social em bairros alagados na cidade de Maputo e Matola

Dissertação submetida ao Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento parcial dos Requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social

O Candidato



Salomão Manuel Nicasse

A Supervisora

O (A) Presidente

O (A) Oponente

Sandra Manuel

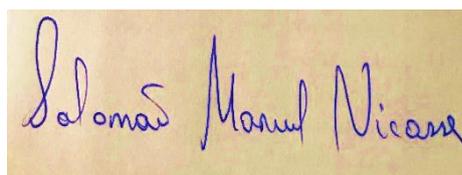
Fernando Manjate

Elísio Jossias

Maputo, Maio de 2024

Declaração

Declaro que este trabalho de final de curso nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau académico e constitui resultado da minha investigação, estando indicadas nas referências bibliográficas do texto e as fontes que utilizei.



Salomão Manuel Nicasse

Maputo, Maio de 2024

Dedicatória

Aos meus pais Manuel Nicasse e Piedade Chaúque. Aos meus irmãos Manuela, Anajúrdia, Acácio e Moisés pelo alento que neles encontro/ei no meu processo de formação académica.

Agradecimentos

Agradeço, acima de tudo, a Deus pelo dom, pela graça e suporte que me tem dado em todas as circunstâncias da minha vida. À minha supervisora Prof^a. Doutora Sandra Manuel, pela disponibilidade em poder orientar-me, pela sua humildade e paciência demonstrados durante a realização até a concretização da presente dissertação. O apoio que a Professora prestou-me e continua a prestar-me para o meu sucesso académico jamais terei como compensar. A sua leitura atenciosa, comentários humildes e cuidadosos da minha escrita muitas vezes contraditória e que parecia de um contador de histórias, contribuíram de forma objetiva e subtil para que o presente estudo se tornasse uma realidade. Recordo-me que durante a realização do presente estudo a Professora, esteve sempre presente para ouvir os meus relatos sobre as constatações tidas na escolha do material bibliográfico, bem como na produção de dados etnográficos, facto esse que levou com que a Professora propusesse outras estratégias de como abordar o objeto que estava em análise para que o trabalho tivesse no final esse cunho científico.

Estendo os meus agradecimentos a todo o corpo docente do Mestrado em Antropologia Social (MAS) do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Agradecimentos especiais vão aos docentes José Adalima na qualidade do director do curso de Mestrado até a data, Elísio Jossias, Hélder Pires Amâncio, Margarida Paulo, Sandra Manuel e Carla Braga pela entrega abnegada e empenho em ensinar-me a aprender, assim como, por terem compartilhado conhecimentos e suas experiências ricas e inspiradoras que me foram bastante úteis durante toda a formação. Sou igualmente grato aos Professores Emídio Gune, Johane Zonjo, Sónia Seuane e Adriano Biza pelos comentários, sugestões e material bibliográfico compartilhado durante a realização da presente dissertação.

Esta senda de agradecimentos estende-se ainda a todos os participantes da pesquisa residentes na KaMaxakeni, Costa de Sol e Nkobe. Um especial agradecimento vai ao Tio Dino que me abriu as portas da sua casa em Nkobe, e disponibilizou-me todo o seu material que me permitiu iniciar a pesquisa logo nas primeiras semanas.

O outro especial agradecimento vai aos meus pais, irmãos, tios, tias, primos (as), sobrinhos e sobrinhas e a minha madrinha pelas orações que sempre recebia e por me incentivarem a dar continuidade com os estudos e por nunca terem se cansado das minhas ligações sempre

que eu precisasse de uma ajuda. As vossas ações e orações para com minha pessoa, convertem-se em uma dívida eterna e incalculável.

Agradeço a Agência Sueca de Desenvolvimento Internacional (ASDI), representados pela sua coordenação na FLCS, por me terem financiado os estudos neste nível, pois, sem este financiamento não teria condições de arcar com os custos de formação. Agradeço em especial a Prof^a. Doutora Inês Raimundo, como coordenadora do meu subprograma e a Mestre Saula Pinto sua assistente, por terem feito o acompanhamento de todo o meu processo administrativo até a fase final da minha formação.

Ao programa UNESCO – IHE, do *Global Partnership for Water and Development*, pela oportunidade e pelo apoio financeiro dado para a realização do trabalho de campo, em especial à Doutora Margarida Paulo e à Prof^a. Doutora Sandra Manuel, líder do projecto “Dengue, Água e Agregados Familiares em Moçambique” de que financiou o trabalho de campo na cidade e província de Maputo, que culminou na elaboração desta dissertação.

Agradeço aos meus companheiros da turma de Mestrado em Antropologia Social (2021) Jacob Mapossa, Ênio Tembe, Katya Chavel, Maria Ngana, António Vilanculos, Ribeiro Nhambi, Jeremias Vunjanhe, Saquina Cossa e Kota Camões pelos esclarecimentos e pelos debates proveitosos levantados ao longo das aulas e entre outros momentos vividos dentro e fora da academia.

Agradeço por último aos meus amigos Amiel Quive, Hélder Macome, Sérgio Mabjaia, Camilo Quive, Vilton Faduco, Anésio Manhiça, Captine Mainato, camarada Emílio Pião, e ao Tirso Siteo, este último (pelo apoio e ensinamentos até a data), e a todos pelos momentos de lazer que sempre tive o privilégio de passar junto de vocês nesta vida.

Aos demais companheiros e companheiras, o meu “Muito Obrigado”.

Resumo

Historicamente, os residentes da cidade de Maputo e Matola tem se adaptado as de inundações, através de estratégias de mobilidade para espaços considerados não alagáveis e seguros. No entanto, a repetição das inundações nesses centros urbanos tem gerado transformações na vida das pessoas. Estas transformações são por um lado mediadas pelas políticas públicas de saneamento e ordenamentos territoriais, e por outro lado pelas estratégias adaptativas locais acionadas pelas pessoas residentes nesses lugares. A presente dissertação trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com base no método etnográfico, na qual analiso de que forma as relações sociais entre famílias são transformadas pelas inundações urbanas na cidade de Maputo e na cidade da Matola. A análise das relações e transformações sociais causadas pelas inundações são pensadas na Antropologia e Sociologia com base na teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. O objectivo da fenomenologia é compreender a experiência vivida, entendendo que homem e a cultura são mutuamente constituídos. Esta perspectiva permite analisar as experiências humanas e a sua relação com o meio. Nesse sentido, ao analisar a forma como as relações sociais são transformadas pelas inundações urbanas em Maputo e Matola, é relevante pois permite-nos captar as diferentes trajectórias de apropriação de espaços, dos conflitos e redes de apoio lá existentes, das práticas quotidianas de homens e mulheres e das estratégias adoptadas acionadas pelas famílias no contexto de inundações urbanas. Este estudo propõe-nos uma reflexão, sobre as políticas de intervenção urbana e de como elas são vivenciadas e experienciadas pelas pessoas no quotidiano. Para além das transformações espaciais o estudo possibilitou-nos perceber as transformações ocorridas nas relações sociais entre indivíduos e suas lógicas de reprodução na cidade de Maputo e Matola.

Palavras-chave: experiência, reprodução social, redes de apoio, transformação urbana e família.

Abstract

Historically, residents of the cities of Maputo and Matola have adapted to floods by mobilising to spaces considered non-floodable and safe. However, the recurrent floods in these urban centres have brought about changes in people's lives. These changes are influenced by public sanitation policies and territorial planning on one hand, and by local adaptive strategies implemented by the residents in these areas on the other. This dissertation is a qualitative study based on ethnographic methods, examining how social relationships among families are altered by urban floods in Maputo and Matola. The analysis of social relationships and transformations caused by floods is approached in Anthropology and Sociology through Merleau-Ponty's phenomenological theory. Phenomenology aims to understand lived experiences, recognising the mutual constitution of individuals and culture. This perspective allows for the examination of human experiences and their relationship with the environment. Therefore, studying how social relationships are affected by urban floods in Maputo and Matola is significant as it helps us grasp the diverse paths of space appropriation, conflicts, support networks, daily practices of men and women, and the strategies adopted by families in the context of urban floods. This study prompts a reflection on urban intervention policies and how they are perceived and experienced by individuals in their daily lives. Besides spatial transformations, the study enables us to comprehend the changes in social relationships among individuals and their patterns of reproduction in the cities of Maputo and Matola.

Keywords: experience, social reproduction, support networks, urban transformation, and family.

Siglas e Acrónomos

CDM – Cervejas de Moçambique

GEE - Gases de Efeito Estufa

INGC – Intituto Nacional de Gestão de Calamidades

INE – Instituto Nacional de Estatística

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

Índice

Declaração	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Siglas e Acrónomos	vii
1. Introdução.....	10
Objectivos.....	14
Objectivo Geral.....	14
1.1. Enquadramento teórico e conceptual.....	16
1.2. Conceitos	17
2. Revisão da Literatura.....	23
2.1. Estudos sobre o impacto dos fenómenos naturais ao nível global	23
2.2. O caso da África Austral	24
2.3. O caso de Moçambique	25
2.4. Estudos antropológicos sobre fenómenos naturais.....	28
3. Metodologia.....	32
3.1. Histórico de construção da cidade de Maputo no tempo Colonial.....	32
3.1.1. Após o tempo Colonial.....	33
3.2. A construção histórica da cidade da Matola no tempo Colonial	35
3.2.1. Após o tempo Colonial.....	36
3.2.2. Campo de Pesquisa.....	39
3.2.3. O Bairro da Costa de Sol	39
3.2.3. O Bairro da KaMaxakeni.....	41
3.2.4. O Bairro de Nkobe.....	43
3.3. A minha primeira visita ao campo de estudo	44

3.4. Métodos e técnicas usados para a produção de dados	46
3.5. Constrangimentos no campo	49
4. Inundações urbanas: vivências e experiências de famílias que residem em contextos inundados em Maputo e Matola	50
4.2. Transformação dos laços e criação de novas estratégias entre famílias que residem em bairros inundados e parentes que residem em bairros não inundados.....	53
4.4. Antes parceiros e hoje inimigos: novos modos de convivência entre famílias que residem em bairros propensos a alagamentos em Maputo e Matola	56
5. Redes de apoio e de solidariedade entre famílias que residem em casas alagadas em Maputo e Matola.....	62
5.1. Das representações sociais às práticas sociais de homem e mulher dentro da família em bairros inundados em Maputo e Matola	65
5.3. Estratégias de famílias para lidar com a presença da água nos quintais e no interior das residências em Maputo e Matola	72
6. Considerações finais	78
Referências bibliográficas	81

1. Introdução



Figura 1: água estagnada no quintal duma residência em Nkobe, cidade da Matola, 2022

A presente dissertação de Mestrado tem como objectivo analisar como é que as relações sociais entre famílias são transformadas pelas inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola e como é que estas famílias respondem a estes fenómenos, a partir de experiências quotidianas. Ao analisar as transformações sociais entre famílias que residem nesses bairros alagados em Maputo e Matola, é relevante, pois abre-nos espaço para a compreensão das trajectórias de apropriação de espaços, dos conflitos e das redes de apoio resultantes das inundações, das representações e práticas sociais entre homens e mulheres e das estratégias adoptativas locais.

Em Moçambique, pode se constatar que a ocorrência de fenómenos de cheias se tem registado desde os finais do século XX e princípio do século XXI (Casal, 1996). Este fenómeno tem levado as entidades governamentais, internacionais, organizações não-

governamentais e outras, a traçarem estratégias de apoio às populações que vivem nas zonas de risco de inundações.

Como mostra Lihaha (2008), que após o fim da guerra civil em 1992, Moçambique tem vindo a sofrer de forma sistemática as consequências dos diversos desastres naturais, principalmente cheias e secas, que afectam milhões de pessoas, forçando-as a reassentarem-se, pois, estas destroem o meio ambiente no qual as mesmas vivem, as suas habitações, afectando de sobremaneira a economia local e nacional, bem como a segurança alimentar e as relações sociais

Segundo Casal (1996) as entidades Governamentais e Internacionais tem dado respostas permanentes a esses fenómenos. Por exemplo as cheias do ano 2000 afectaram mais de um milhão de pessoas, destruíram centenas de casas e mais de 400,000 pessoas tiveram que se deslocar para centros de acomodação temporários. Este caso foi similar nas cheias de 2001, 2007 e 2008, onde a resposta nacional e internacional foi também reactiva, resultando a criação de políticas públicas de resposta as cheias em Moçambique.

O outro exemplo é das inundações urbanas de Maio de 2022, que segundo a TVM (Televisão de Moçambique) afectaram de forma negativa diversas na famílias na cidade de Maputo, e concretamente no bairro da Costa de Sol¹. Este cenário é resultado das condições de saneamento de meio, desordenamento territorial e que parte desta população vive em áreas com risco de inundações. Na referida reportagem alguns entrevistados referiram que “convivem com as inundações há mais oito anos”, e a motivação da ocorrência dessas inundações está relacionada com a construção de moradias em espaços que servem de caminho de passagem das águas da chuva, razão pela qual este bairro é propenso a inundações todos os anos.

Para Douglas et al. (2008), nas grandes cidades de países de baixa latitude, é comum que grande parte da população de baixa renda viva em áreas com risco de inundações, e essa população tem maior probabilidade de ser afetada por fatores relacionados às mudanças climáticas. As inundações são fenómenos, mas os danos e prejuízos decorrentes das inundações são consequências da ação humana. Ainda para este autor, embora essa mudança seja impulsionada em grande parte pela modernização e pelo desenvolvimento, todas as

¹ O video no link <https://www.youtube.com/watch?v=mCMYEhijO3w&t=19s>, mostra a situação dramática que as chuvas de Maio de 2022 impactaram os moradores do bairro da Costa de Sol, cidade de Maputo.

atividades humanas, incluindo a degradação da terra por agricultores pobres e rebanhos de pastoreio, contribuem também para a mudança ambiental.

A frequência e intensidade de chuvas que influenciam a ocorrência de inundações urbanas mostra como em Moçambique se enfrentam problemas de planeamento urbano, ordenamento territorial, fraco investimento nos sistemas de saneamento de meio, entre outros. Jorge e Melo (2014) analisam outros tipos de intervenção relacionados com a transformação de espaço urbano como os reassentamentos e realojamentos da qualificação urbana, através da implementação ou melhoria de infra-estruturas, construção de equipamentos e da melhoria de espaço público, a construção de equipamentos e empreendimentos imobiliários, em áreas que vão sendo ocupadas pelos cidadãos.

Estudos Geográficos, da Arquitectura, da Educação Ambiental apontam para a topografia, o ordenamento territorial, saneamento de meio, acesso desigual as infra-estruturas como factores que influenciam para a ocorrência de inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola. Mas para este estudo em particular olho para a temática de inundações em duas linhas de abordagem. A primeira linha de abordagem é intervencionista aliada ao desenho de políticas públicas sem atender as realidades específicas e que consequentemente favorece a ocorrência de inundações (Valle, 2009; Stern, 2006; Marengo, 2007; Acserald, 2006; Eskander e Stelle (2019; Kaul, Grunberg e Stern, 1999; Boko et al., 2007; Lobell et al., 2008). Os impactos, a vulnerabilidade e a capacidade de adaptação às inundações são específicos para cada contexto e estão relacionados com o nível de desenvolvimento social e a capacidade de resposta da sociedade nas diversas escalas (Laukkonen et al., 2009; Giddens, 2010).

Para além dos estudos acima arrolados, estudos da Sociologia e Antropologia sobre inundações urbanas, para além de analisarem as intervenções estatais e privadas, centram-se também nas experiências e nas capacidades adaptativas locais que são acionadas pelos indivíduos como resposta a estes fenómenos (Yasukawa et. al., 2011; Hoffmann, 2012; Nordgren, 2011; Aparício, 2006; Gonzáles, 2012, Aparício, 2012, Killeen, 2009; Douglas et al. 2008; Vasconcelos, 2020); Lazrus, 2012; Woodward et al., 2010; Oberdoff, et al., 2015). Para estes autores a análise das inundações urbanas deve olhar ao nível local, de modo que a elaboração de planos, medidas de prevenção, mitigação e adaptação estejam alinhados com realidades específicas (Sanchez-Rodriguez, 2005 e 2009; Nicholls, 2004; Cardona, 2007),

porque, os maiores impactos das inundações são sentidos ao nível local, particularmente em áreas urbanas (Naess et al., 2005).

Em circunstâncias em que o Estado está presente para lidar com as mudanças climáticas, muitas vezes há uma desconexão entre as suas ações na criação de instituições e estruturas para enfrentar esses desafios e os processos pelos quais eles se localizam e respondem às necessidades dos cidadãos afetados. Isso reflete, na análise por Costa e Rodrigues (1999) em Maputo e Luanda, que não basta que o Estado pareça estar fazendo algo para enfrentar a crise climática, é preciso que esteja presente no terreno.

Muitos estudos sobre inundações urbanas em Moçambique partem de uma perspectiva intervencionista, histórica e econômica, realçando como historicamente, o país é um dos mais afetados por eventos climáticos extremos na zona da África Austral. De facto, as evidências do Relatório Mundial sobre Desastres Naturais, revelam que mais de oito milhões de moçambicanos foram afetados pelos dsastres naturais nos últimos 20 anos, nomeadamente nas décadas 80 e 90, de um total de 53 calamidades nos últimos 45 anos, o que equivale a cerca de 1,17 em média por ano (Walker, 2002; Wilson, 2007; Brito, 2014).

Esta abordagem analisa a ocorrência das inundações em áreas urbanas como resultado das intervenções através de políticas públicas de saneamento de meio, de reordemanento territorial, de acesso as infra-estruturas como factores que permitem a ocorrência de inundações. Entretanto, esta dimensão mostra-se limitada ao cingir suas análises na perspectiva intervencionista e histórica ligada ao mau desenho políticas públicas, não podendo nas suas análises explorar temáticas que abordam sobre as experiências de indivíduos em seus espaços e suas capacidades adaptativas face a esses acontecimentos.

Diante desse quadro teórico que se apresenta como limitado ao apresentar suas análises dentro de um quadro intervencionista, no presente estudo olho para estudos da Sociologia e Antropologia que analisam as experiências vividas e capacidades adaptativas locais acionadas pelos indivíduos no contexto de inundações urbanas. Pretendo analisar as dinâmicas de transformação urbana entre indivíduos no quotidiano e como é que estes respondem a estes as inundações na cidade de Maputo e da Matola.

As análises sobre espaços e transformações sociais causadas pelas inundações são pensadas na Antropologia e Sociologia a partir da teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. O objectivo da fenomenologia é compreender a experiência vivida, entendendo que homem e

a cultura são mutuamente constituídos. Esta perspectiva permite analisar e compreender as experiências humanas a partir da sua relação com o mundo vivido. A perspectiva fenomenológica proporciona a oportunidade de compreender a experiência vivida na perspectiva singular ou colectiva de um grupo que vive ou a viveu uma realidade. De forma paralela articulo com a teoria estruturalista de para compreender as representações das práticas diárias entre homens e mulheres no contexto das inundações

O presente estudo antropológico pode contribuir no debate sobre as políticas urbanas, pois este tipo de estudos procura trazer as vivências e experiências dos habitantes em áreas alagáveis. Para isso, é preciso que compreendamos as formas como as pessoas percebem o seu mundo, e vivenciam as diferentes transformações que ocorrem nesses espaços que os definem enquanto indivíduos. Para este estudo, entender as dinâmicas de transformação urbana na cidade de Maputo e Matola, constitui uma análise para a compreensão da maneira como as transformações urbanas são percebidas e vividas pelas pessoas e como é que as mesmas as afectam no quotidiano.

A presente pesquisa é norteada pela seguinte pergunta de partida: *De que forma as relações sociais entre pessoas são transformadas pelas inundações urbanas nos bairros da Costa de Sol, KaMaxaqueni na cidade de Maputo e Nkobe Matola?*

Objectivos

Objectivo Geral

- Compreender de que forma as relações sociais entre pessoas são transformadas pelas inundações urbanas nos bairros da Costa de Sol e KaMaxaqueni na cidade de Maputo e Nkobe na cidade da Matola

Objectivos específicos

- Descrever as experiências vividas pelas famílias que residem em bairros inundados na cidade de Maputo e Matola;
- Descrever as redes de apoio criadas pelas famílias em situações de inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola;

- Relacionar as transformações sociais (individuais, de familiares e da vizinhança) com as inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola
- Descrever as representações sociais e práticas diárias entre homens e mulheres dentro e fora da família em bairros inundados em Maputo e Matola e por último;
- Caracterizar às estratégias adoptadas pelas famílias para lidar com as inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola.

Esta dissertação está organizada em sete partes. Na primeira parte, apresento a introdução, o interesse pessoal e académico da escolha do tema e os objectivos da pesquisa. Ainda nesta parte apresento o enquadramento teórico e conceptual que se relaciona com a problemática de estudo em questão.

Na segunda parte apresento a revisão bibliográfica de autores que discutem sobre às inundações urbanas e seus impactos nas comunidades ao nível global, na África e de forma particular em Moçambique; Na terceira parte apresento a metodologia que orientou este estudo bem como as técnicas usadas para a produção de dados. Ainda nesta parte mostro quais foram os caminhos percorridos, os quais culminaram com a realização da presente dissertação da disciplina de Antropologia.

Na quarta parte apresento a análise e a discussão de dados. Nesta parte, mostro às experiências e trajetórias de famílias que residem em contextos alagados em Maputo; a transformação dos laços e criação de novas rotinas entre membros de famílias que residem em bairros alagados e não alagados e os novos modos de convivência entre estas famílias em Maputo.

Na quinta parte mostro as redes de apoio e de solidariedade que são acionadas pelas famílias em contextos alagados, as práticas e dinâmicas de homens e mulheres na família; as nuances e representações sociais de casais fora do seio familiar e as estratégias acionadas pelas famílias que residem em bairros alagados em Maputo.

Na sexta parte apresento às considerações finais a que cheguei em relação ao estudo e na sétima e última parte apresento as referências bibliográficas.

1.1. Enquadramento teórico e conceptual

A teorização do trabalho seguirá a perspectiva fenomenológica no âmbito das reflexões de Merleau-Ponty. O objectivo da fenomenologia é de compreender o significado da experiência vivida, entendendo que homem e cultura são mutuamente constituídos. Esta perspectiva permite analisar e compreender as experiências humanas a partir da sua relação com o mundo. A perspectiva fenomenológica proporciona a oportunidade de compreender a experiência vivida na perspectiva singular do sujeito que a vive ou a viveu.

Esta perspectiva fenomenológica permite analisar as experiências e vivências dos sujeitos no quotidiano. As teorias fenomenológicas são aquelas cujas proposições se refiram exclusivamente a propriedades e relações empiricamente acessíveis entre os fenómenos, ou seja, aquilo que aparece aos sentidos. Essas proposições descrevem, conectam e integram os fenómenos, permitindo a dedução de consequências empiricamente observáveis (Chibeni 2010).

Voltando a proposta de Merleau-Ponty (2015) a fenomenologia da percepção permite descrever experiências tais como elas são, tentando sempre retirar os disfarces que são colocados nos fenómenos reais. Merleau-Ponty propõe investigar de forma directa as vivências humanas e compreendê-las, sem se prender a explicações causais ou a generalizações e considera fundamental olhar as coisas de uma maneira natural para permitir a melhor compreensão do homem e do mundo real.

Artículo paralelamente com a perspectiva estruturalista de Lévi-Strauss, que considera o objecto como uma totalidade passível de descrição a partir dos elementos que a constituem e das relações que mantém entre si. A teoria estruturalista leva em consideração a estrutura, as pessoas e o ambiente para compreender a organização formal e a informal das unidades sociais. Ela estuda a relação das organizações com a sociedade, pelo facto de defender que as atividades humanas vão além da indústria, uma vez que as pessoas também tem outras necessidades como: saúde; educação e família. O estruturalismo, ao constituir-se como um método de análise, pretende dar objectividade ao estudo do ser humano, propondo que os elementos da cultura humana sejam compreendidos em conjunto e verificadas a partir das relações com o sistema ou estrutura maior. Esta teoria aplica-se para este estudo de modo compreender os papéis e as representações sociais negociados entre homens e mulheres no contexto das inundações urbanas em Maputo e Matola.

1.2. Conceitos

Para a operacionalização do presente estudo recorri os seguintes conceitos-chave: experiência, reprodução social, solidariedade, transformação urbana e família.

O conceito **experiência** é entendido nestes estudo como o que dá conta dos aspectos que estão no subjectivo e objetivo por ambos articularem atitudes de acordo com as imagens, sentimentos, humor, sensações, percepções, juízos e formas de apreciação (Dejarleis e Throop, 2011). Este conceito é relevante para o estudo pelo facto de ajudar a compreender como os indivíduos vivenciam múltiplas experiências em contextos inundados na cidade de Maputo e Matola.

A experiência vivida pode também ser entendido como percepções de um sujeito na perspectiva da subjectividade. O sujeito social diz respeito as representações do corpo como um símbolo a partir do qual, se pode pensar sobre a natureza, sociedade e cultura. Na mesma perspectiva existe o sujeito político que diz respeito à regulação das pessoas pelas instituições e ideologias que regulam outras pessoas (individual e social).

Entretanto, ao fazer análise de contextos inundados na cidade de Maputo e Matola pode-se perceber um conjunto de experiências vividas pelos indivíduos que formam uma colectividade.

O outro conceito associado ao presente estudo é o de **reprodução social**. Para Marx (1982, 1983) citado por Neto et al. (2009) existem dois tipos de reprodução: a “simples” que reflecte um estado estacionário da economia, tido como improvável em razão das próprias características do sistema capitalista; e a “ampliada”, que reflecte o processo de acumulação de capital, considerado como típico deste sistema económico.

Neto et al. (2009) advogam que o problema da reprodução na óptica de Marx, advém da contradição básica do sistema capitalista, isto é, de que seu funcionamento não ocorre em função das necessidades da sociedade, mas, sim, do processo de acumulação de capital em si. Assim sendo, a reprodução social segundo Marx, não é capaz de explicar os contextos nos quais o objectivo da reprodução é satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos.

Segundo Bourdieu (2001), as estratégias de sobrevivência comparativamente as de reprodução social são analiticamente diferentes, porém, na vida das famílias são dois elementos indissociáveis. O autor defende a ideia de agregar as estratégias de sobrevivência

ao conceito de reprodução social, salientando que deve haver uma conexão entre os processos de produção e de reprodução, e que no seu entender o *habitus* se torna o princípio fundamental das estratégias de reprodução social. Bourdieu (2001) confere as estratégias de reprodução social um papel mais conservador.

Com uma definição distinta de Marx (1982, 1983), os autores Neto et. al. (2009), Bourdieu (2001), Costa e Rodrigues (1999) citados por Zandamela (2017), definem estratégias de sobrevivência e reprodução como um conjunto de lógicas e práticas que articulam o tradicional e o moderno, resultantes das transformações e readaptações das sociedades a novos contextos centradas na família como grupo de organização e gestão das mesmas, e, implicando uma dispersão dos recursos, actividades e redes de relações.

Costa e Rodrigues (1999) em sua análise sobre as estratégias de sobrevivência de famílias em Luanda² e Maputo³ mostraram existir continuidade nas relações sociais, e apontaram as redes de solidariedade tais como as relações de vizinhança, a religião, e as associações como alicerces para as famílias reproduzirem-se socialmente. Os resultados do estudo mostraram que as famílias em Luanda e Maputo assim como em muitos países em desenvolvimento dependem da economia do sector informal (construção de casas, venda de alimentos, lenha, carvão entre outros), e das redes de solidariedade (família e vizinhança) como factores determinantes nas estratégias de reprodução social.

Zandamela (2017) na sua análise sobre formas de reprodução social enfatiza que estratégias de sobrevivência e reprodução são um conjunto de acções desenvolvidas pelos indivíduos no dia-a-dia para satisfazer suas necessidades. Este é o conceito que adopto neste trabalho para explicar as estratégias, trajetórias e os significados que famílias dão ao espaço alagado e aos novos espaços de convivência com outros parentes.

A **transformação social** do espaço urbano envolve estudos de tendência demográfica, estruturação familiar e estratificação social. Todavia, segundo Dias (2012) as transformações ocorrem rapidamente no âmbito tecnológico, reflectindo-se de imediato na sociedade, alterando imediatamente os hábitos de trabalho, de consumo e de relacionamento. Os estudos sociológicos apontam seis questões fundamentais que orientam o processo de transformação social do espaço urbano. As tais questões procuram captar: (i) o que é que

² Luanda é a capital de Angola.

³ Maputo é a capital de Moçambique.

muda; (ii) como é que muda; (iii) qual a direcção da mudança; (iv) qual é o ritmo de mudança, (v) por que ocorre a mudança, ou por que ela foi possível; e (vi) quais os principais factores de mudança (Dutra e Burglin, 1987). Assim, conforme Grafmeyer (1994), a transformação social do espaço urbano ocorre com a intervenção dos agentes, actores e actividades económicas.

A transformação social do espaço urbano, é entendido como produto das relações sociais, e assume práticas seculares, marcadas pela substituição das relações primárias (de base familiar) pelas relações secundárias (caracterizadas pela racionalidade e indiferença entre as pessoas) e a imposição de uma certa anomia e de um diferente ritmo de vida daqueles que vêm habitar no espaço urbano (Wirth, 2001).

A transformação social urbana como Sikota (2018) coloca pode ser vista como as diferentes apropriações do espaço e a sua relação com a noção de pessoa, isto é, como os diferentes marcos transformativos (arquitéctonicos e administrativos), com vista à orientação das pessoas no espaço, são vivenciados e experienciadas pelas pessoas que residem nesses bairros. Esta análise permite olhar para as diferentes transformações urbanas a partir de como institucionalmente os bairros vão sendo ocupadas pelas pessoas e “as experiências que remarcam o seu quotidiano em tempos múltiplos: o passado, presente e futuro” (Sikota, 2018: 18).

A transformação urbana pode ser entendida como o conjunto de alterações sociais que ocorrem no meio urbano caracterizado pelas interacções humanas quer dentro ou forada família, ou seja o conjunto de sociabilidades (Bilério e Muanamoha, 2023). Este conceito permite-nos entender como é que as inundações urbanas podem causar transformações sociais na vida das pessoas em um determinado espaço.

O outro conceito adoptado nesse estudo é **família**. A contribuição da Antropologia sobre o estudo da família está estreitamente ligada a discussão de parentesco. O parentesco é uma contribuição antropológica, porque nas sociedades ditas tribais era o objeto central da Antropologia enquanto disciplina e as sociedades tribais eram tidas como sociedades sem estado, mas que se regulavam na base do parentesco. Os estudos clássicos da Antropologia eram regulados na base do conceito parentesco nas suas análises (Sarti, 1992).

Para Sarti (1992), o parentesco não é a mesma coisa que família. O parentesco e a família tratam de noções de básicas de vida, nomeadamente: o nascimento, acasalamento e a morte,

mas a família trata-se de um grupo concreto, e o parentesco é uma abstracção, é uma estrutura formal. Entretanto, o estudo da família é o estudo dum grupo social concreto e o estudo do parentesco é o estudo duma estrutura formal abstractamente constituída, e que permeia um grupo social concreto, mas que vai além dele. A família pode ser entendida como uma totalidade articulada, mas onde os elementos podem ser combinados de diferentes maneiras (Idem). A família deve ser pensada dentro de uma estrutura mais ampla e contextualizando-a em termos de classe e outras condições sociais.

O que os estudos do parentesco analisam o que o homem faz com noções básicas da vida que partem desde o nascimento, acasalamento e a morte, e é aqui onde ele escolhe uma alternativa em detrimento da outra e as suas implicações como mostra Robin Fox (1986).

Por outro lado o estudo feito por Lévi-Strauss desnaturaliza o conceito família, assumindo-o como fundamental para o parentesco através da inclusão representante do grupo do qual o homem recebeu a mulher, introduzindo assim a dimensão cultural. A unidade elementar do parentesco se separa da biologia pai-mãe e filho e entre no âmbito cultural ao se reconhecer dois grupos. Pressupõe que um homem dê uma mulher a um outro homem eu a recebe. É através da troca de mulheres que se dá a combinação dos elementos do parentesco (Sarti, 1992).

A constituição da família como um elemento cultural pressupõe a existência prévia de dois grupos que se casam fora do seu grupo e isso mostra-nos que a família ultrapassa relações de consaguinidade, incluindo assim relações de aliança e de afinidade, rompendo assim com a ideia biológica de família. A família não provém de unidade biológica, mas sim de alianças entre grupos específicos. Dentro dessa perspectiva o tabu do incesto entra em reinterpretação, passando a não ter somente a inclinação natural, mas como um principio de organização social, e uma forma de estabelecer alianças e afinidades entre grupos (Idem).

O conceito família por ser mais abrangente e englobar a diversidade familiar, isso faz com que se pense na ideia de família nuclear como sendo universal, o que dificulta ser percebida de forma única, com os vários tipos e formas de famílias que surgem, assim no nosso estudo encontramos esta multiplicidade de famílias daí que uso o conceito de família por ser um conjunto de tipologias (família nuclear, simples, complexa, alargada, e múltipla) das famílias existentes em cada contexto (Wall, 2005).

Para Miotto (1997), o conceito família tem um sentido abstrato, e pode ser definido como sendo um núcleo de pessoas que convivem num determinado lugar durante um tempo, e que se acham unidas (ou não) por laços de consaguinidade. Este conceito permite-nos compreender como é que em situações de alagamentos este elemento agraga outros significados que são experienciados pelos indivíduos residentes em bairros inundados na cidade de Maputo e Matola.

Voltando a Sarti (1992) pensar a família de hoje é pensar numa estrutura em constante transformação, mas não uma transformação totalizante, o que nos permite redimensionar o lugar de cada membro que se transforma na família e que permite pensar que a relação entre os pais e filhos muda. São essas mudanças que permitem pensar a família enquanto um lugar onde os sentidos podem ser opostos e que são resultados do mesmo processo de transformação.

Por fim, trago o conceito de **solidariedade** ou redes de apoio. As redes de apoio existem para servir os propósitos específicos e estar nelas implica um processo de transformação permanente tanto a nível individual como colectivo, e nesse processo, cada membro do colectivo enriquece-se através das múltiplas relações que desenvolve, optimizando as aprendizagens que são socialmente repartidas (Dabas 2001).

Segundo Dabas (2001) as redes de apoio podem agregar relações como: família, amigos e vizinhos, relações de trabalho e estudo, relações comunitárias de serviços e religiosas, ou seja, se configuram como a soma de todas as relações que o indivíduo percebe como significativas. Muitas das redes são caracterizadas por relações de vizinhança compreendidas como horizontais e complementares, visto que as hierarquias sociais determinadas pela leitura da realidade global se efectuam no próprio grupo.

Para este estudo adopto o conceito de solidariedade proposto pelo Almeida (2007), Tedesco (1999) e Mauss (2003).

Segundo Almeida (2007) a solidariedade aparece como vínculo de responsabilidade recíproca. A solidariedade pode ser vista como uma condição grupal resultante de comunhão de atitudes e sentimentos de modo a constituir o grupo unido sólido, capaz de resistir as forças extremas e de se tornar firme em face da oposição vinda de fora.

Por seu turno, Tedesco (1999:117) defende que “a solidariedade precisa ser recíproca; há um grau de cobrança que não é explícito, mas que regula o grau de solidariedade e o crédito

futuro”. Estas formas de cooperação ou tipos de prestação de serviços, possibilitam a reprodução social das famílias.

Essa ideia de solidariedade aliada ao princípio de reciprocidade que vai se estabelecendo entre aqueles que habitam num espaço comum, formando laços entre os moradores e outros actores, que tornam possível visibilizar as práticas sociais, é observada no campo da antropologia a partir dos pressupostos de Marcel Mauss (2003) ancorado nos princípios de dar, receber e retribuir em diferentes circunstâncias da vida humana. Este conceito é importante para esta análise porque permite-nos compreender como é que indivíduos que enfrentam algamentos de forma repetida criam redes de apoio uns aos outros de modo que ultrapassem situações de inundações no quotidiano.

2. Revisão da Literatura

2.1. Estudos sobre o impacto dos fenómenos naturais ao nível global

Existem vários estudos da Geografia, Arquitectura, Educação Ambiental que olham para topografia, ordenamento territorial, saneamento urbano, localização geográfica como factores que influenciam para a ocorrência de inundações urbanas. Mas para este estudo em particular irei olhar para a temática das inundações em duas linhas de abordagem.

Sobre as abordagens de intervenção Valle (2009) refere que os impactos das inundações verificam-se na comunidade de baixa renda, visto que tende a ocupar locais ambientalmente vulneráveis a este evento e com falta de serviços e infra-estruturas básicas, acabando por se reflectir na vulnerabilidade do meio em que o Homem se insere e na insegurança das moradias expondo-se a diversos riscos ambientais e patológicos.

Segundo Eskander e Stelle (2019), as políticas dos governos e as agências internacionais precisam comprometer mais dinheiro para adaptação ao clima e redução do risco de desastres ao nível local para garantir que atendam às prioridades das famílias pobres no enfrentamento desses problemas. Isso inclui a preparação para desastres e a reconstrução de casas nomeadamente, a elevação dos rodapés das casas e dos conjuntos domésticos com fundações de terra.

De acordo com Klare (2001) e Eerola (2003), este debate tem sido caracterizado por uma forte carga ideológica que decorre de dois momentos: o primeiro grupo (Reino Unido; Finlândia; Itália; Suécia; Noruega) considera que o possível efeito estufa é causado pela actividade industrial, fornecendo a estes uma ferramenta no combate ao capitalismo e globalização. Este grupo exige restrições às emissões de gases de efeito estufa (dióxido de carbono, metano, CFC, etc.) e, conseqüentemente, restrições às actividades industriais. Este ponto de vista é também defendido pelas ONGs Painel Inter-Governamental de Mudança Climática (IPCC) e a maioria dos governos.

Existe outro grupo que ignora o problema e defende o direito de continuar com as actividades industriais e suas emissões, de acordo com os seus próprios interesses e a mentalidade “*laissez-faire*” que significa deixa fazer. O governo dos EUA está na frente deste grupo, juntamente com a indústria de produção de combustíveis fósseis, que querem garantir a

obtenção e consumo de energia barata a qualquer meio e custo, até militarmente, globalizando os problemas ambientais (Klare 2001, Eerola 2003).

Bai et al. (2018) referem que ao abordar estes problemas devem ser incorporadas análises de assentamentos informais; aproveitamento de tecnologias disruptivas; apoio na transformação; e o reconhecimento do contexto global de sustentabilidade. Esta contribuição permitirá o reconhecimento da necessidade de acção nesta área face ao rápido crescimento das populações em assentamentos de baixos rendimentos e informais nas cidades. Segundo estatísticas do Relatório Mundial sobre de Demografia, prevê-se que o crescimento populacional e a urbanização adicionem 2,5 bilhões de pessoas à população urbana mundial até 2050, com quase 90% do aumento concentrado na Ásia e na África, onde parte dessas pessoas viverá em assentamentos considerados informais.

O estudo de caso de Lidema (2010) mostra o impacto das mudanças climáticas em florestas, onde além da alta vulnerabilidade causada pelas actividades antropogénicas (desmatamento, uso do solo, entre outros), a situação tende a piorar, desde emissões de gases, pobreza, segurança alimentar, seca e inundações em diferentes regiões da América de Sul.

2.2. O caso da África Austral

Segundo Boko et al. (2007) e Lobell et al. (2008), para o caso da África Austral a vulnerabilidade e a variabilidade climática promoveram uma forte agenda de pesquisa que investiga seus os efeitos na segurança alimentar, no sector agrícola e na gestão de desastres. As mudanças previstas nos meados do século XIX nos padrões climáticos regionais incluem aumentos médios de temperatura de 18°C, maior frequência de secas, um declínio de 10% na quantidade total de chuvas e mudanças na época das chuvas.

Segundo Machili (2020), as mudanças ambientais incidem no aumento da temperatura e na diminuição dos níveis de precipitação, podendo reflectir-se sobremaneira na produtividade agrícola, comprometendo de certa forma o rendimento do sector económico. Para este autor, o impacto das inundações por exemplo pode influenciar na degradação de culturas. Com o desenvolvimento das economias de países, o mundo assumiu que toda a sociedade estaria protegida das ameaças ambientais. O desenvolvimento das cidades seria medido pelo estado das residências, atendidas pela rede de esgotos e água, pelas escolas e postos de saúde, padronizando o território pela mesma concepção política e tecnológica, e encontrando a dissolução do particular no moderno (Valencio et.al., 2004). Mas estas análises não

incluíram situações de como é que as pessoas com desigualdades sociais e sem acesso igual de infra-estruturas buscam responder casos de alagamentos em situações específicas como vimos no presente estudo.

2.3. O caso de Moçambique

Júnior (2018), ao abordar sobre o Clima Urbano, tendo recorrido a análises da variabilidade mensal, sazonal e inter-anual da precipitação no período de 1951 a 2015, declara que a cidade de Maputo é um espaço urbano construído sobre lógicas hegemónicas de base colonial. Para o autor, este processo teve como resultado o desenvolvimento desigual e combinado, que resultou na cristalização da concentração da riqueza, a produção da segregação sócio espacial, o aumento da degradação ambiental e a construção de muitos níveis de vulnerabilização.

Na mesma perspectiva, Caomba (2018), ao analisar as ocupações informais em Niassa olha para factores de motivação e o risco que leva à ocupação de áreas como as planícies de inundação, na cidade de Lichinga. Para este autor existem relações profundas de causa e efeito entre o processo de urbanização reflectida nas formas de uso e ocupação do espaço e a exposição das populações urbanas aos riscos naturais, uma vez que em Moçambique, como no resto dos países da África subsaariana, o processo de urbanização ocorreu tardiamente, por causa do processo histórico da colonização, mas processou-se a ritmos acelerados. O autor apresenta um elemento “novo” que é a “urbanização tardia”, que teve como consequências a ocupação dos espaços informais. Assim, as inundações nessas zonas ocorrem porque os moradores ocuparam os espaços de forma informal.

Maloa & Júnior (2018), analisando a questão da dispersão urbana em Moçambique, recorrendo a perspectiva geográfica-histórica, chegaram a conclusão de que a leitura da dispersão urbana em Moçambique parece fundamentar uma duplicidade entre periferização - degradação ambiental, e se efectiva de maneira significativa na constituição dos assentamentos informais, observados em grande parte nas cidades de grande porte, como Maputo, Beira e Nampula. Com isso, pode-se concluir que as inundações urbanas são frutos de assentamentos informais.

Junior & Neto (2020), a partir da Geografia do clima analisa o risco climático em Maputo olhando para os processos de constituição do clima urbano, defendendo que o clima urbano

se apresenta com selectividade de impactos, uma vez que, a produção do espaço urbano foi orientada para destinação de áreas naturalmente perigosas, ambientalmente frágeis e dotadas de infra-estruturas precárias como lugares de moradia e habitação, sobretudo para a população mais pobre. A desigualdade social e racial é a componente principal que organiza os níveis de vulnerabilidade na cidade, e define tanto a espacialidade do risco, quanto os grupos sociais vulneráveis. A narrativa da pobreza, encaixa na perspectiva histórica, que entende a produção do espaço urbano num ideal de dualidade, segregação e desigualdades sociais entre grupos.

Para Martinho & Kreisler (2010), as cheias e inundações em Moçambique representam um perigo eminente, devido a sua localização geográfica que o expõe a elevadas temperaturas, aumento do nível do mar e eventos extremos cada vez mais intensos e frequentes como é o caso de ciclones, cheias e secas prolongadas. Esta situação é intensificada pelo contexto socioeconómico caracterizado pelo estado de pobreza extrema das comunidades, elevada dependência da agricultura e desconsideração por parte dos dirigentes das previsões de mudanças climáticas, seus impactos e estratégias de adaptação.

Segundo Douglas et. al., (2008), um dos exemplos das inundações foram as chuvas e ciclones que ocorreram em Fevereiro e Março de 2000 em Moçambique, que causaram as piores inundações em 50 anos e trouxeram uma devastação generalizada à capital Maputo, bem como à cidade de Matola. Mais de um milhão de pessoas foram directamente afectadas. Os serviços de água e saneamento foram interrompidos, causando surtos de diarreia e cólera. As reportagens de alguns jornais internacionais e nacionais como DW (emissora internacional Alemã), RTP (rádio e televisão de Portugal), Der Tagesspiegel (jornal diário Alemão) e a TVM (Televisão de Moçambique) descreveram este fenómeno como o destruidor dos esforços que haviam sido envidados um pouco antes e tornaram o país num dos mais pobres do mundo. Entretanto, estas análises não incluíram estudos de caso de como é que as pessoas vivendo em situações de desigualdades sociais, de acesso desigual as infra-estruturas, espaços com falta de sistemas de saneamento de meio experienciam e respondem situações de inundações em Maputo.

As inundações urbanas colocam desafios aos governos do continente africano, impondo pressões adicionais aos actuais problemas ligados ao combate à pobreza, a disponibilização da água em quantidade e de qualidade, a contenção da degradação dos ecossistemas, a acelerada expansão das terras áridas e semi-áridas, o crescente número de espécies florísticas

e faunísticas em situação vulnerável ou em perigo de extinção, e a crescente perda de ecossistemas costeiros e marinhos (Zolho, 2010).

Na mesma ordem de políticas de intervenção, Huq et al., (2006), referem que as inundações urbanas se relacionam também com o desenvolvimento. Segundo estes autores, os impactos das inundações afectam de forma significativa o desenvolvimento das nações, e em particular as comunidades mais pobres, e por outro lado, as alternativas de desenvolvimento determinam futuras emissões de gases com efeito de estufa e influenciam a capacidade das comunidades e países de se adaptar aos fenómenos ambientais.

Voltando a Douglas et. al. (2008), todos os países são vulneráveis às mudanças climáticas e há instabilidade nos padrões climáticos, mas as pessoas e países mais pobres consideram-se os mais vulneráveis, mais expostos e com menos meios para a sua adaptação.

Alguns factores que levam a ocorrência e a intensidade das tempestades, e as mudanças urbanas locais, são resultado de actividades de construção, pavimentação, compactação do solo e remoção de vegetação, e também o bloqueio de drenos e o desvio de vazões naturais, que de alguma forma aumentam a magnitude e duração das inundações, sendo que os agregados pobres são os que mais sofrem com as mudanças em relação aos outros residentes urbanos (Douglas et. al., 2008). O mesmo se verifica em contextos onde foi realizada a presente pesquisa em que há sérios problemas de planeamento urbano, desordenamento territorial, falta de sistemas de saneamento de meio consistentes, o que também acaba influenciando para maior vulnerabilidade das populações desses locais a ocorrência desses fenómenos. Entretanto, nesta pesquisa buscamos entender como é que as inundações urbanas transformam relações sociais e como é que indivíduos nessas condições respondem a estes acontecimentos a partir de experiências subjetivas em Maputo.

Segundo Eriksen e Silva (2009), as inundações em Moçambique variaram devido as combinações sociais, económicas e ambientais locais. Como na África do Sul, as estratégias nacionais de liberalização económica geraram mais vulnerabilidades para as famílias rurais e urbanas. Portanto, as famílias e os formuladores de políticas públicas devem pensar mais na origem as mudanças climáticas e considerar outras opções de responder às ameaças de meios de subsistência e segurança alimentar nas comunidades. Esta explicação cabe também nos bairros onde a pesquisa foi realizada em que as casas foram construídas de forma

desordenada, sem a qualificação urbana para responder a demanda das águas quando as chuvas.

As condições físico-geográficas descritas constituem base para o surgimento de situações de perigo à população, que se convertem em risco de calamidades quando associadas à vulnerabilidade eminente da população. Dentre os factores de perigo às comunidades, destacam-se os alagamentos (pela água da chuva ou do mar), ciclones ou depressões tropicais e seca mais ou menos prolongada (Zacarias, 2013).

Os autores acima permitiram-me compreender que a ocorrência de inundações urbanas é fruto de mau desenho de políticas intervencionistas aliadas ao desordenamento territorial, a forma como são construídos os sistemas de saneamento de meio, reassentamentos sem estudos prévios dos locais escolhidos pelas entidades estatais para realocar pessoas e por serem zonas localizadas nas proximidades da costa.

Entretanto, neste estudo antropológico pretendemos analisar como é que as inundações urbanas transformam relações sociais entre indivíduos como é que estes a partir de experiências específicas respondem a estes eventos no quotidiano.

2.4. Estudos antropológicos sobre fenómenos naturais

Os estudos antropológicos diferem-se de estudos que abordam a temática das inundações e outros fenómenos ao nível global, da África Austral e de Moçambique ao apontar suas análises na perspectiva intervencionista aliada ao mau desenho de políticas públicas e localização geográfica como aspectos que favorecem a ocorrência das inundações em populações que residem em espaços com problemas de saneamento do meio, acesso desigual as infra-estruturas e falta de planeamento urbano como mostrei anteriormente em autores como (Valle, 2009; Stern, 2006; Marengo, 2007; Acserald, 2006; Eskander e Stelle 2019; Kaul, Grunberg e Stern, 1999; Boko et al., 2007; Lobell et al., 2008).

A literatura antropológica analisa a influência desses fenómenos na vida das comunidades e as capacidades adaptativas locais que são acionadas pelos indivíduos para responder a estes acontecimentos, como podemos ver em (Yasukawa et. al., 2011; Hoffmann, 2012; Nordgren, 2011; Aparício, 2006; Gonzáles, 2012; Aparício, 2012; Killeen, 2009; Douglas et al., 2008; Vasconcelos, 2020; Lazrus, 2012); Yasukawa et. al., (2011) fazem uma análise dos efeitos das inundações na Bolívia. O objectivo principal desta análise era de completar a informação

sobre as mudanças climáticas no país, conhecer as repercussões e as possíveis opções de resposta ao risco crescente das mudanças climáticas. O trabalho mostra o grau de avanço do país na compreensão do clima, vulnerabilidade, adaptação e gestão de risco climático, nas áreas sobre água e segurança alimentar.

Desta análise encontram-se quantidades e qualidades de informação onde são descritas as aprendizagens que foram alcançadas na Bolívia sobre o clima, suas tendências, causas e efeitos. Na mesma linha de análise Hoffmann (2012) descreve os avanços das análises de vulnerabilidade climática nas áreas de água e segurança alimentar, onde reflecte sobre a necessidade de se colocar maior atenção em aspectos ligados as estratégias de protecção dos meios de vida baseados em contextos locais de grupos específicos.

As explicações de Yasukawa et. al., (2011) e do Hoffmann (2012) permitiram compreender a relevância das respostas dadas pelas comunidades face a determinados fenómenos naturais num determinado contexto e seguindo esta análise pretendemos mostrar neste estudo como é que em situações das desigualdades sociais, desordenamento territorial, fracos sistemas de saúde pública os moradores respondem as inundações urbanas em bairros alagados em Maputo.

Segundo Nordgren (2011) no estudo que realizou numa comunidade das terras da América de Sul constatou que as percepções da população local foram contrariadas pelas informações estatísticas governamentais, trazendo as experiências dos afectados que davam conta de como é que às mudanças climáticas estavam afectando de forma significativa a vidas destas comunidades em seus distintos territórios. O outro estudo realizado na região do Chaco é de Gonzáles (2012), que também olha para os impactos das mudanças climáticas e no fortalecimento de capacidades da população local em reduzir os riscos, reflectindo no que estava sendo feito pelo governo no uso dos recursos naturais, e como estas acções humanas acrescentaram os impactos das mudanças climáticas nesta região, o que consequentemente colocou diversas ameaças na produtividade destas populações.

Para Winters (2012), no caso da Bolívia por exemplo as mudanças repentinas na quantidade dos recursos mudaram igualmente o custo económico das pessoas e suas vidas. O autor observa que na actualidade os efeitos das mudanças climáticas no país (derretimento de geleiras, secas, inundações, escassez de alimentos, incêndios florestais, erosão, entre muitos

outros), aumentaram de forma exponencial, e afectam directamente a vida das populações mais pobres.

Alinhado com a abordagem de Winters (2012), Vasconcelos (2020) no seu estudo sobre *alterações climáticas e transformações no modo de vida da população no baixo rio Negro em Amazonas*, constatou que os impactos das mudanças climáticas leva a consequências como: ausência de peixe, falta de carne de caça, desabamento de casas, destruição de caminhos terrestres e encerramento de escolas. Este mesmo estudo de Vasconcelos (2020) permite nos compreender de que forma as alterações climáticas transformaram as relações sociais entre indivíduos no Amazonas.

Ao analisar os impactos das inundações, os autores desta abordagem propõem que se olhe para uma abordagem diferente daquela que visa reduzir a vulnerabilidade de indivíduos. A morte e perda de propriedade e as insuficiências económicas podem ser muito altas entre famílias, mas as estratégias de mitigação de enchentes por si só não são suficientes para entender o fenómeno denominado mudanças climáticas (Douglas et. al., 2008). Como aponta Lazrus (2012) no estudo que realizou nas ilhas Islandesas, que a quantidade das chuvas que se observaram nestas zonas impactaram directamente nas formas de organização social entre os ilhéus com destaque para a ameaça da segurança humana e de alimentos, pela perda de terras que é um factor limitante para a vida da ilha e das actividades dependentes dela, como é o caso da agricultura.

No caso de Timor-Leste, por exemplo, estudos sócio-antropológicos mostram como é que este fenómeno está se tornando em chuvas mais irregulares, com períodos de seca mais longos e causando temperaturas mais altas. Essas mudanças afectam a capacidade da comunidade de cultivar culturas como milho, café, mandioca, coco, batata-doce e frutas. Até agora, a comunidade respondeu mudando o local de onde obtém água, com alguns mudando para fontes inseguras, como água de superfície de rios e lagos (Gero et. al., 2019).

A explicação de Gero et. al. (2019) permite-me compreender como é que em situações das desigualdades sociais, o acesso as infra-estruturas e fraco planeamento físico e urbano podem influenciar o nível de produtividade das comunidades, transformando assim os locais onde as populações obtinham água, e fazendo com que estes grupos busquem a água em fontes cada vez mais inseguras, como água de superfície de rios e dos lagos.

Pinho et. al. (2015) no estudo realizado no município de Silves no Amazonas e na Floresta Nacional do Tapajós no Pará no Brasil, relatam que os maiores impactos encontrados em eventos extremos tais como secas e inundações relacionaram-se com interrupção do meio de transporte fluvial, o que dificultou nesses locais, o acesso dos moradores aos mercados locais, agravando a insegurança alimentar e impossibilitando o acesso a serviços de saúde e escolas.

No geral, esta literatura permitiu-me compreender que existe um número bastante amplo de pesquisas que focam no impacto de fenômenos naturais como as chuvas, inundações, ciclones e terremotos causam nas populações residentes em situações de precariedade, com problemas de saneamento de meio, com infra-estruturas menos resilientes como também vimos em locais onde a presente pesquisa foi realizada em Maputo e Matola.

Entretanto, ainda nota-se que existem poucos estudos que analisam como é que as inundações urbanas transformam relações sociais entre indivíduos no quotidiano e como é que estes respondem a estes eventos, a partir de experiências quotidianas interpretadas através de vivências e memórias colectivas, conflito/solidariedade, vulnerabilidades, papéis sociais de homem e mulher e pelas capacidades adaptativas locais.

3. Metodologia

Este capítulo é composto por 4 secções. Na primeira secção, descrevo a evolução histórica das cidades de Maputo e Matola no período colonial e pós-colonial, os contextos da pesquisa, onde faço uma breve descrição dos bairros Costa de Sol e KaMaxaqueni na cidade de Maputo, e do bairro Nkobe na cidade da Matola. Em seguida, na segunda secção, trago o roteiro da minha entrada e saída do campo. Na terceira secção, apresento o método e as técnicas por mim usados para produção de dados e, na quarta e última secção, partilho as dificuldades por mim encontradas durante a realização do presente estudo. De referir que este trabalho resulta de uma pesquisa etnográfica de 35 dias, tendo iniciado no dia 31 de Agosto à 4 de Outubro de 2022.

Num estudo feito pelo INAM neste ano de 2023 sobre as chuvas, concluíram que as cheias afectaram 30.605 pessoas (5.721 famílias), 4 mortos, 422 deslocados, incluindo 5 centros de saúde e 15 escolas afectadas na cidade e província de Maputo.

Segundo o Instituto Nacional de Gestão de Desastres e Redução de Riscos-INGD (2023), informou que as inundações afectaram mais de 43.426 pessoas (8.685 famílias), incluindo 5.890 pessoas deslocadas, 5 assentamentos de emergência foram abertos para fornecer abrigo a 5.853. Os relatórios indicam ainda que 35 unidades sanitárias sofreram danos, 8.684 casas foram inundadas, 28 parcialmente danificadas e 3 forma totalmente danificadas, na cidade e província de Maputo.

Os danos estruturais partilhados pelo governo relativos a 5 fontes de água potável e 9 bombas de água de apoio ao abastecimento de água mostram claramente que as condições sociais de saneamento são piores nesses bairros. A IFRC⁴, aponta que impacto das chuvas é considerável para o saneamento danos nas infraestruturas ocasionadas pelas inundações urbanas o que aumenta os riscos de diversas doenças de veiculação hídrica e, sobretudo, limita o acesso à água potável para as pessoas afetadas por estes eventos.

3.1. Histórico de construção da cidade de Maputo no tempo Colonial

A evolução urbana da cidade de Maputo verifica-se entre 1505 a 1907. Nesse período é descrita nas suas condições naturais como uma ampla baía, profunda, ligada ao vasto estuário do Espírito Santo, onde desaguam quatro rios de vales abertos e férteis e numa estratégia

⁴ IFRC- significa Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho

geopolítica, de defesa dos territórios e de base de comércio. Maputo originalmente conhecido como Lourenço Marques, enquanto possessão portuguesa, estabeleceu-se na lingueta de areia da Praia do Maxaquene, uma área sem vegetação e envolvida por terrenos relativamente planos, que permanecem grande parte do tempo inundados devido ao escoamento lento das águas (Pimentel, 2013).

Segundo Castilho (1969) citado por Pimentel (2013) a primeira ocupação portuguesa é concretizada em 1780, por ordem régia, quando se estabelece o presídio na possessão de Lourenço Marques, aniquilada por corsários franceses em 1796. Passados 4 anos, no local do presídio é erguida sob o comando do Tenente Luís José uma “(...) pequena habitação fortificada para quartel da tropa e feitoria, onde se arvorasse a bandeira portuguesa, como sinal de posse do terreno e sem intenção de fazer resistência a qualquer inimigo”.

No ano de 1815 o presídio sofre melhoramentos e em 1818 a guarnição é reforçada. Nesta altura a povoação ocupava a área entre a atual fortaleza e a estação de caminho-de-ferro. A restinga, onde se encontrava o presídio, estava separada das terras altas do Maxaquene, onde hoje se encontram o Conselho Municipal de Maputo e a catedral, pelo pântano. Quase isolada nas marés vivas, ficava apenas acessível por um carreiro estreito que ligava a colina entre o cruzamento da Av. Karl Marx com a Av. 25 de Setembro e o presídio (Figura 18). Esta via torna-se essencial depois de beneficiada, pois veio a constituir a Estrada de Lidemburgo (Av. do Rio Tembe), a primeira via de penetração para o Transval⁵ (Idem).

Em 1826 dá-se a chegada dos primeiros colonos enviados pela “Companhia Comercial de Lourenço Marques e Inhambane”. A fixação destes ocorre a noroeste da atual Praça 25 de Junho descrita como “(...) sem aldeamento delineado nem orientação definida. Presume-se que tais habitações primitivas tenham tido frente para o mar, na usança dos homens das praias, (...)”. Durante vários anos a povoação não sofreu grandes alterações, caracterizada por ser insalubre, com edifícios térreos de materiais precários e de aspeto improvisado (Idem).

3.1.1. Após o tempo Colonial

Em Moçambique, as décadas de 70, 80 e 90 foram caracterizadas pela ocorrência de factores conjunturais adversos (guerra colonial, guerra civil, calamidades naturais) que alteraram o

⁵ A “terra para além do rio Vaal” que em 1857 se autoproclamou República Sul-Africana, estado bóer independente na África do Sul, situado na região norte da África do Sul, confinando com Moçambique.

desenvolvimento normal da distribuição territorial da população a partir dos centros urbanos. Este fenômeno, inverteu o sentido da expansão urbana, com todas as conseqüências sociais, econômicas e ambientais daí decorrentes. Isto sucedeu porque os fatores conjunturais referidos tornaram o meio rural extremamente repulsivo e os espaços urbanos e urbanizados adquiriram valores atractivos que, embora apenas aparentes, surgem hipervalorizados (Araújo, 1999).

A cidade de Maputo no período colonial, apresentava uma característica dual marcada: por um lado, a chamada “cidade de cimento”, branca, de desenvolvimento vertical, planificada, com infraestruturas e serviços; em oposição, a designada “cidade de caniço”, negra, suburbana, horizontal, não planificada, de construção espontânea e de material precário (estacas, barro, caniço, etc.), sem infraestruturas e serviços e que se dispunha à volta da “cidade de cimento”, cercanda-a. As transformações ocorridas nestes espaços depois da independência nacional não eliminaram a dualidade econômica, social e de organização territorial, pois a principal alteração foi apenas demográfica, com as conseqüências daí decorrentes. A “cidade de cimento” mantém-se com as mesmas características, mas mais degradada em termos de infraestruturas e serviços. Ela apenas deixou de ser branca, mas não deixou de segregar a área suburbana (a “cidade de caniço”). Esta, por seu lado, manteve, e até agudizou, as características de precaridade e de espaço excluído, mas, ao mesmo tempo, adquiriu outras facetas resultantes do impacto dos fluxos migratórios (Araújo, 1999).

O espaço mais ou menos homogêneo que constituía esta “cidade de caniço” e que rodeava a de “cimento” deu origem a dois anéis que passaram a designar-se por “área suburbana” e “área periurbana”. O primeiro corresponde à antiga “cidade de caniço”, mas onde o caniço e as estacas estão, rapidamente, a ser substituídos por outro tipo de material de construção, mais durável, como o zinco, os blocos de argila secos ao sol e onde o cimento é fundamental. De tal forma isto é evidente que estas novas características são apontadas como indicadores de urbanização da população com menos recursos económicos e segregada do “cimento”. O segundo anel é resultante do aumento dos limites administrativos da cidade e onde as características rurais residenciais, produtivas e sócio-culturais se mantêm ainda muito vivas, mas onde começam a surgir espaços urbanizados de classes economicamente mais favorecidas que ocupam o solo e afastam a população mais pobre já ali residente (Idem).

3.2. A construção histórica da cidade da Matola no tempo Colonial

A cidade da Matola no tempo colonial era um território muito extenso que abarcava a atual área da Namaacha, a cerca de 70 quilómetros a sul da Matola, junto aos montes Libombos. De acordo com os anais da história desta cidade, refere-se que em 1895 a área da Matola foi incluída na 1ª Circunscrição Civil de Marracuene, no então Distrito de Lourenço Marques, e a povoação foi criada pela portaria nº 928 de 12 de Outubro de 1918. Ainda integrado na Circunscrição de Marracuene, o Posto Administrativo da Matola foi criado a 17 de Novembro de 1945, abarcando três centros populacionais: Boane, Machava e Matola Rio (Maquidade, 2018).

Dos três centros populacionais, nomeadamente Boane, Machava e Matola Rio, a área embrionária e que teve destaque no crescimento da cidade da Matola, foi a margem norte do rio Matola, onde foram construídas infra-estruturas administrativas e quintas coloniais, tendo o seu crescimento percorrido para o sentido norte e nordeste, junto ao estuário do Maputo, onde foi implantado o porto, a indústria de cimento, as companhias petrolíferas e a companhia industrial da Matola. Estas infra-estruturas de serviços administrativos e de actividades económicas, influenciaram a construção de vias de acesso, ligando a antiga cidade de Lourenço Marques à cidade da Matola com estradas de cinco metros de largura. O tecido industrial rapidamente teve um crescimento para o sentido mais a norte para o posto administrativo da Machava, nas atuais áreas onde estão situados os bairros do Trevo e Machava Sede (Idem).

Segundo Maquidade (2018) a Matola surge num processo evolutivo e com personalidade própria, consolidado um carácter agressivo, que só foi paralisado com a sua anexação a cidade do Maputo em 1980, a par das áreas da Catembe, Inhaca e Marracuene. Porém, não se deixou dominar por cidade-dormitório de Maputo, tendo beneficiado da existência de indústrias e terrenos para pequena agricultura, para atrair moradores. A sua urbanização descontínua e a existência de grandes quintas, refletem o fato de os seus habitantes, serem indivíduos que não querem ser engolidos pela vida massiva da grande cidade do Maputo, refugiando-se no individualismo comunitário dos subúrbios da Matola, sem abandonarem os benefícios da vida urbana.

Até os anos de 1960, já se verificava uma ocupação habitacional de forma embrionária entre o rio Matola e o estuário de Maputo, algumas quintas e áreas industriais como o porto e refinarias. Na área da Machava, existiam algumas ocupações de habitação, quintas e

indústria. Pela portaria de 10.774 de 1956, cria-se no distrito de Lourenço Marques o concelho da Matola, com sede na povoação da Matola-rio, compreendendo os postos administrativos de Boane, Machava e a circunscção da Namahacha. A câmara municipal só foi criada a 29 de Agosto de 1959, pela portaria 13.312, onde foi concedido a Matola o foral de vila, que abrange a vila da Matola, as zonas urbanas, suburbanas e rurais adjacentes (Idem).

Na área portuária e industrial da Matola A, estabelecem-se as fábricas de cimento, a companhia industrial da Matola, o complexo mineiro dos CFM, a shell company e a caltex que posteriormente foram transformadas em companhia nacional, denominada Petromoc. O crescimento do fluxo diário de pessoas entre a antiga Vila Salazar, atual cidade da Matola à antiga cidade de Lourenço Marques, atual cidade do Maputo, levou o Estado a criar a companhia de transportes de Moçambique, no bairro da Matola A. No final da década 60 e início da década de 70, a indústria expande-se para o posto administrativo da Machava, nos bairros da Machava Sede e Trevo, verificando-se um acelerar das construções de residências nos bairros próximos como Fomento, Liberdade e Patrice Lumumba, para operários fabris.

Com a ascensão do território de vila à cidade, foram, implantados novos bairros e registando um significativo aumento da densidade populacional em áreas que até aí tinham características rurais, nomeadamente Bunhiça e Sikwama. Com a independência o funcionamento da câmara não se alterou substancialmente e passou-se a dar mais atenção às populações dos bairros mais necessitados, sobretudo na construção de fontanários de água, pois no período colonial, verificava-se fraca assistência aos aglomerados populacionais e discriminação racial e social (Maquidade, 2018).

3.2.1. Após o tempo Colonial

A criação do Concelho da Matola depois do tempo colonial, influenciou a construção da cidade, tendo iniciado com a construção de edifícios para o funcionamento administrativo e utilidade social em 1963. Assim foram construídos, a residência oficial do presidente da então Câmara Municipal e os Paços do Concelho Municipal, no bairro da Matola A. Paralelamente, foi construída a igreja paroquial de São Gabriel, o cinema de São Gabriel, a escola primária Paula Isabel, e a escola de Santa Maria, todos no bairro da Matola A; a escola do Dr. Rui Patrício e a missão de Liqueleva e o cemitério da Matola, junto a margem do rio Matola, no bairro de Mussumbuluco (Maquidade, 2018).

Nos anos seguintes, no bairro da Matola B, foram construídas as escolas secundárias da Matola, a escola industrial da Matola e o cinema 700 e no bairro da Machava, foi construído a escola secundária da Machava. A maior parte das infra-estruturas, foram construídas no posto administrativo da Matola Sede. Os trabalhos da construção de casas e equipamentos urbanos foram acompanhados com a organização da toponímia da cidade, com realce para a avenida Abel Baptista, uma via dupla ao longo das unidades A, B, C, D, J, Mussumbuluco, Sikwama e Malhampsene (Idem).

De um modo geral as transformações ocorridas nestes espaços, depois da independência nacional, não eliminaram a dualidade económica, social e de organização territorial, pois a principal alteração foi apenas demográfica, com consequências daí decorrentes (Araújo, 1999).

A cidade de cimento, como é referida por Araújo, manteve com as mesmas características, mas “degradando-se em termos de infra-estruturas e serviços. A euforia patriótica, não melhorou as condições de vida, tendo agudizado a precariedade, mas, ao mesmo tempo, inicia um processo de densificação, resultante do impacto do fluxo migratório do campo para as cidades” (Araújo, 1999).

A fuga de quadros qualificados que serviam a administração colonial, foi outra característica deste período. Neste contexto, Araújo na obra Espaço Urbano Demograficamente Multifacetado: As cidades de Maputo e da Matola, referiu que “os moçambicanos tomaram a cidade e a maior parte da população colona abandonou-a regressando ao seu país de origem e que este fenómeno foi mais evidente na Matola que em Maputo, pois estas cidades ficaram com mais espaços residenciais abandonados pelos colonos, o qual foi ocupado por diferentes estratos de população moçambicana” (Araújo, 1999).

Nesta fase, a Matola viu crescer muito os seus espaços suburbanos e per-urbanos, tendo funcionado como uma espécie de “tampão” para a migração em direção a cidade de Maputo. Verificou-se também a recuperação do nome original, passando a denominar-se cidade da Matola e a câmara municipal que era uma instituição autónoma, considerada como herança do sistema colonial, foi abolida em 1978 e substituída por um Conselho Executivo dirigido por um presidente nomeado pelo governo de Moçambique (Maquidade, 2018).

De acordo com as estatísticas feitas pelo INE em Moçambique nos censos de 1980, 1997, 2007 e 2017, verifica-se que a Matola apresenta um crescimento demográfico e de

infraestruturas urbanas. As construções residenciais apresentam um crescimento horizontal, assumindo uma morfologia que procura conciliar a natureza com a modernidade, ou trazendo os hábitos de vivência do campo para a cidade, perpetuando o rural em áreas urbanas. Este modelo surge num contexto de cidade industrial para melhorar a qualidade de vida da classe operária e resolvendo as questões de economia nas construções, ventilação, solidez estrutural e protecção dos elementos da natureza com arquitectura. Segundo dados do INE Moçambique, sobre censo de população e habitação de 2007, apresenta-se um crescimento de infra-estruturas de 142.296 habitações e serviços em 2007, para 367.772 habitações e serviços em 2017, sendo um crescimento de 158,5% e a densidade de infra-estruturas de habitação e serviços passou de 381,5 para 986 no mesmo período.

Morfologicamente verifica-se uma disposição de infra-estruturas ao longo da cidade que diferenciam de acordo com o tempo de implantação e existência de investimentos sócio económicos privados e públicos. A maior concentração verifica-se nos bairros com vias de acesso planificadas e transitáveis; equipamentos sociais (escolas e hospitais); provimento de água, energia e disponibilidade de serviços, o que são casos concretos dos bairros do posto administrativo da Matola Sede e bairros localizados no sul dos postos administrativos da Machava e Infulene. Os serviços sociais como escolas e hospitais, não estão distribuídos em todos os bairros, existindo uma instituição que serve a dois, três ou quatro bairros. A cidade da Matola com um universo populacional de 1.616.267 munícipes, segundo dados do censo de 2017.

3.2.2. Campo de Pesquisa

3.2.3. O Bairro da Costa de Sol

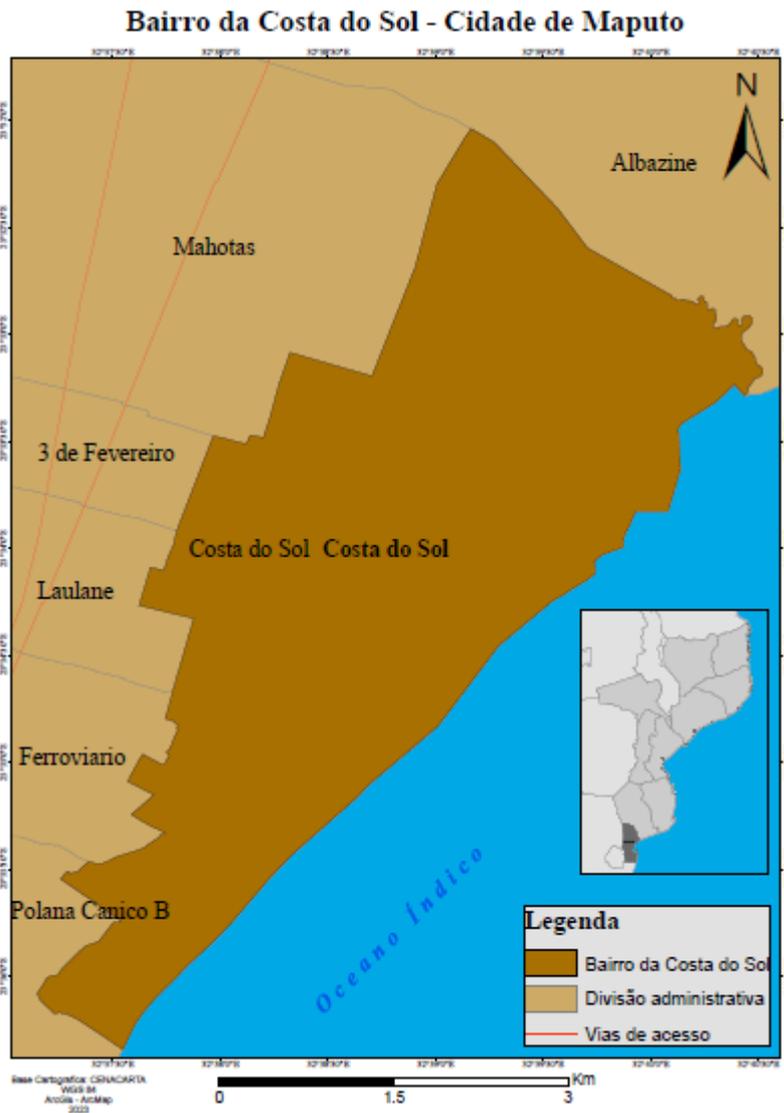


Figura 2: Mapa geográfico do bairro da Costa de Sol. **Fonte:** Base Cartográfica WGS 84.

O Bairro da Costa do Sol tem uma área de 34, 289 km², e uma área continental e a outra insular (Ilhas Xifina). Esta área encontra-se inserida no Distrito Municipal KaMavota que faz parte dos bairros suburbanos da cidade de Maputo, constituindo uma área de transição do meio marítimo e terrestre. Possui uma extensão de aproximadamente 7 quilómetros da linha da costa ocupando a área nordeste do espaço suburbano da cidade de Maputo. Neste bairro, ocorrem duas formas de ocupação do espaço, que é a ordenada e a desordenada,

esta última, que corresponde ao espaço residencial da maior parte dos pescadores artesanais (Araújo, 1999).

A escolha do bairro da Costa de sol surge pelo facto de também apresentar algumas similaridades com o bairro da KaMaxaqueni “C”, quarteirão número 29, onde maior parte destas áreas apresentam a ausência dos caminhos que servem de passagem das águas das chuvas para o mar. As valas de drenagem ao longo das ruas são planas e ficam por longos períodos com águas estagnadas o que dificulta o escoamento das mesmas para as zonas baixas. Ainda no bairro dos pescadores na Costa de Sol, nota-se que a construção de residências é de blocos de cimento e areia e sem recobo das paredes, e a camada de nível das mesmas é baixa, o que permite que as águas permaneçam por longos períodos nos quintais e dentro das casas.

3.2.3. O Bairro da KaMaxakeni

Bairro do Maxaqueni - Cidade de Maputo

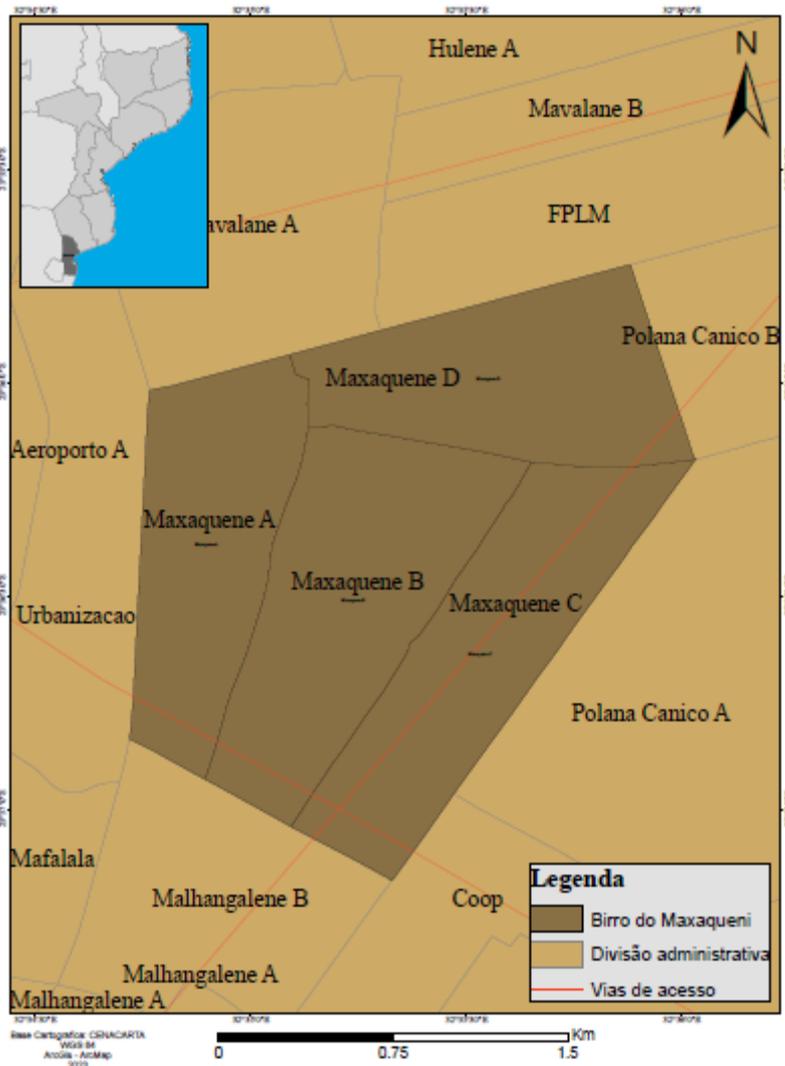


Figura 3: Mapa geográfico do bairro da KaMaxaqueni. **Fonte:** Base Cartográfica WGS 84.

O distrito municipal nº 3 possui uma superfície de 19,9 km², encontra-se localizado numa zona de confluência de três distritos. A norte faz fronteira com o distrito municipal nº 4, através da avenida das FPLM (Forças populares de Libertação de Moçambique. À sul é limitado pelo distrito municipal nº 1, nas avenidas Marien Ngouabi e Joaquim Chissano. A Oeste faz fronteira com o distrito municipal nº 2, na avenida de Angola e a Este pelo Distrito municipal nº 1, através da Avenida da Marginal. A população total é de cerca de 223.688 habitantes, dos quais 101.298 são homens e 107.580 são mulheres (Araújo, 1999).

O Município da cidade de Maputo que alberga os dois bairros acima mencionados está dividido em 7 distritos municipais urbanos, que são: Ka Mubukwani, Ka Mavota, Nlhamankulu, Ka Maxaqueni, Ka Mpfumo, Ka Tembe e Ka Nyaka. Maputo abrange uma

área de 346Km² e a população total é estimada em 1 124 988 (dos quais 546 311 são de sexo masculino e 578 67 são de sexo feminino) o que dá uma densidade populacional de 3. 251 por Km² e conta com vastas áreas de assentamentos informais (INE 2020; UN Habitat 2020).

A escolha deste bairro surge primeiro pelo facto de estar a residir na KaMaxakeni “A” deste 2016, período em que ingressei na Universidade Eduardo Mondlane para fazer o curso de licenciatura em Antropologia, e de lá até então, este bairro tem sido um dos que mais sofre com inundações urbanas na cidade de Maputo devido aos problemas de desordenamento territorial, sistemas de valas de drenagem ineficientes, falta de saneamento de meio. Neste bairro ao chover em grandes proporções observa-se o bloqueio de vias de acesso, as salas de aulas nas escolas e as casas ficam todas alagadas, criando até dificuldades de deslocamento das crianças para a escola. Estes acontecimentos são ainda notáveis mesmo depois do Conselho Municipal da cidade de Maputo em 2020, ter erguido uma bacia pluvial de retenção de água da chuva na KaMaxaqueni “C”, no quarteirão 29. Estes foram os motivos que despertaram o meu interesse em explorar o impacto das inundações na vida das pessoas e como estes respondem a estes fenómenos neste bairro da cidade de Maputo.

3.2.4. O Bairro de Nkobe

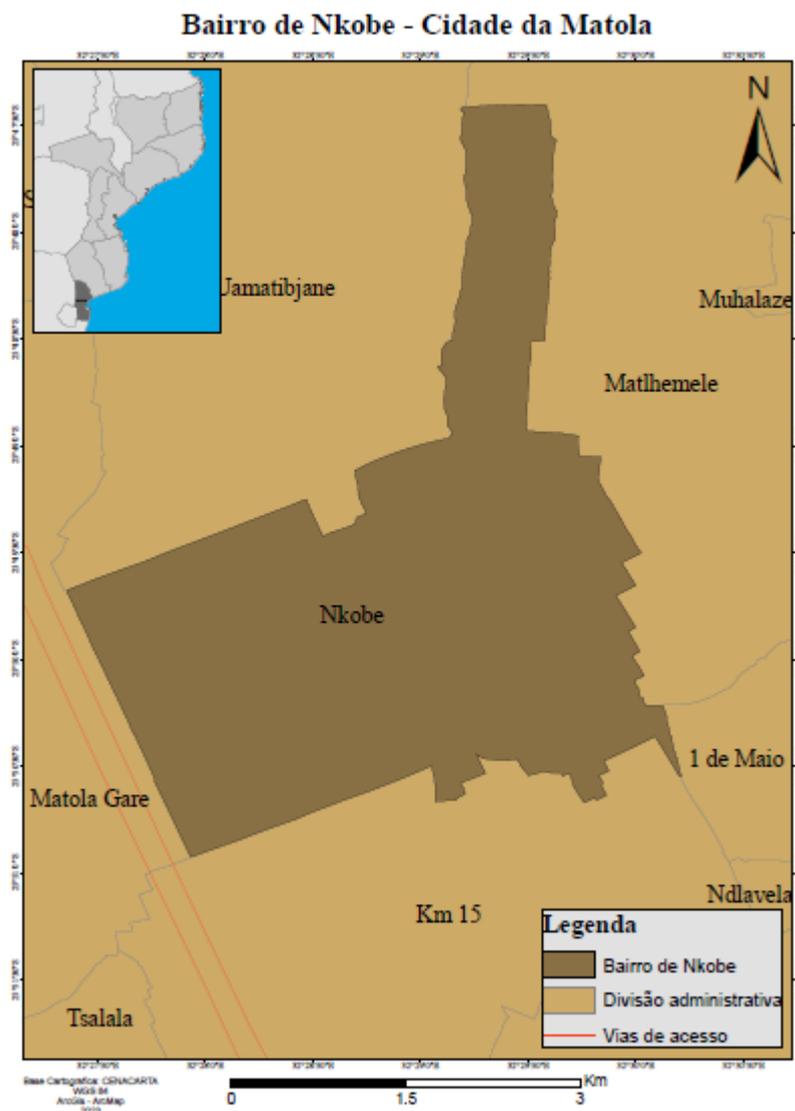


Figura 4: Mapa geográfico do bairro de Nkobe. **Fonte:** Base Cartográfica WGS 84.

O Bairro Municipal de Nkobe localiza-se no Município da Matola, é um dos 14 bairros que compõem o Posto Administrativo da Machava. Faz fronteira com os bairros Bunhiça, Matola Gare e Mapandane. Actualmente, conta com uma população estimada de 20 mil habitantes, há dez anos possuía metade da população. Possui mais de 20 quarteirões, três escolas, sendo duas primárias e uma secundária e, um posto policial.

Alguns estudos Geográficos, de Educação Ambiental e de Arquitectura descrevem que o Bairro Nkobe está assentado num lençol freático próximo a superfície terrestre, o que faz com que as águas das chuvas não sejam absorvidas na totalidade devido a saturação dos solos. As construções habitacionais e outras infra-estruturas foram construídas sem levar em conta as valas de drenagens para a canalização das águas, sistemas de saneamento e de

planeamento urbano, o que faz com que muitas residências que ficam alagadas situam-se mesmo nas zonas parceladas pela edibilidade e é onde observa-se a maior permanência da água das chuvas por longos períodos nesse bairro (CMCM, 2018).

Segundo as informações dadas pelas estruturas locais no passado o bairro Nkobe era uma zona de agro-pecuária, porém com a elevada procura por locais de habitação este foi sendo habitada por indivíduos de vários lugares, uns através do reassentamento e outros de forma individual. Com isso, devido ocupação dos espaços o bairro começou a ressentir dos problemas que estes causavam, como é o caso da: retirada de areia nas ruas para a construção, retirada da vegetação, construção de habitações em lugares de passagem da água dificultando o seu “caminho natural” e escoamento superficial, problemas estes que começaram a se fazer sentir em 2010 com mais intensidade. Um dos funcionários do Conselho Municipal referiu que a situação deste bairro sempre que chove é crítica e lastimável, visto que o que todas casas ficam inundadas e se a entidade Municipal tivesse acautelado os sistemas de drenagem, as coisas seriam diferentes Estas conversas informais despertaram o meu interesse em explorar como é que as inundações urbanas transformam a vida dos habitantes nesse bairro e como é que estes lidam com estes eventos no quotidiano.

No geral, a escolha desses três bairros deveu-se ao facto de apresentarem algumas similaridades na forma como foram estruturadas as infra-estruturas sejam elas comerciais, residenciais, vias de acesso, sistemas de valas de drenagem e pelo facto de nesses bairros a permanência prolongada das águas dentro e fora das casas como ouvimos em conversas com alguns moradores desses bairros, e que segundo estudos geográficos e topográficos apontam ao facto de nesses bairros o lençol freático ser baixo o que acaba propiciando a ocorrência e repetição de inundações nesses bairros da cidade de Maputo e Matola.

3.3. A minha primeira visita ao campo de estudo

A minha primeira primeira visita ao campo aconteceu na última semana de Agosto de 2022, Foi concretamente no dia 31 que me desloquei ao bairro de Nkobe. Foi uma viagem que levou mais de 1h até ao destino. Ao chegar em Nkobe já eram quase 8h e dava para observar que as estradas estavam um pouco húmidas como mostram as imagens a seguir:



Figuras 5 e 6: Pessoas circulando e estrada molhada pela chuva Nkobe, Matola, 2022.

Pela estrada dava para observar um posto policial, estabelecimentos comerciais, uma escola secundária e algumas casas que estavam dentro da água como podemos observar na imagem a seguir:



Figura 7: água estagnada no quintal da residência, Nkobe, cidade da Matola, 2022

Ao deparar-me com esta realidade aproximei a uma senhora que estava sentada logo na entrada do quintal da sua casa para conversar com ela. Saudei lhe e em seguida disse quem eu era, e qual é o meu propósito ao ir ter com ela. No início ela ficou indiferente e até perguntou-me: se eu não era mais um desses que vinham buscar informações para entregar outras instituições do governo, para com as mesmas informações puderem ganhar dinheiro? Confesso que fiquei com medo ao ser abordado com a pergunta, primeiro porque há casos de linchamento, onde as pessoas podem-te agredir (como pesquisador) ao saber que você é mais um daqueles que só veio aumentar os seus problemas, segundo porque as pessoas podem optar em não darem-te informações sobre nada do que ali acontece, mesmo para tirar fotografias elas podem não permitir. Para contornar esta surpresa, optei em identificar-me com o cartão de estudante que trazia e expliquei qual era o meu propósito ao querer conversar com ela e que o trabalho era apenas para fins académicos e que nada do que falássemos ali podia parar em outros lugares além da academia. Depois da explicação, ela permitiu-me que conversássemos sobre a situação das águas e referiu que “ali era a sua casa e que vivia naquela casa que está alagada a mais de 40 anos. Antes esta zona tinha a mesma designação do posto administrativo da Machava e havia sido construído para acolher uma parte da população que habitava junto da estrada nacional número 4. Mas esta designação de Nkobe tem por ai uns 15 anos” Esta conversa fez com que alargasse o meu interesse que antes era de entender a relação que as pessoas estabeleciam com a água da chuva para entender as diferentes trajetórias e os significados que as pessoas atribuem aos seus espaços de residência alagados em Maputo.

3.4. Métodos e técnicas usados para a produção de dados

O trabalho de recolha de dados que realizei para esta dissertação dividiu-se em dois momentos: No primeiro momento, fiz a revisão bibliográfica que consistiu, por um lado, na recolha, leitura e análise de obras, artigos que discutem sobre mudanças climáticas e seus impactos em países considerados vulneráveis no mundo, na África Austral e em Moçambique e, por outro lado, consistiu na recolha e leitura de livros e artigos da área da Antropologia que também discutem sobre a problemática das mudanças climáticas e seus impactos nos modos de vida dos indivíduos em diferentes circunscções geográficas. De modo a localizar o material bibliográfico usado par este estudo optei por pesquisar na internet algumas palavras-chaves como: mudanças climáticas e experiências de alagamentos entre

famílias em contextos urbanos; impacto dos alagamentos nas relações entre indivíduos no quotidiano e estratégias de mitigação local acionadas pelas comunidades.

Em seguida com a leitura dos textos que tinha em minha posse abriu-se (através das referências citadas em textos interiores) pistas para explorar mais textos e aprofundar o debate. As informações recolhidas através da revisão de literatura, aliada às visitas exploratórias ao campo, permitiu-me elaborar o Projecto de Pesquisa desta dissertação, assim como consubstanciar e/ou confrontar com os dados do campo. Contudo, importa salientar que a revisão de literatura foi um exercício permanente que esteve presente em todas as fases da elaboração da presente dissertação.

No segundo momento fiz o trabalho de campo, aliado ao método etnográfico. Para Agar (2008), Hammersley e Atkinson (2017), este método de pesquisa consiste na participação do pesquisador no campo e observação dos fenómenos do dia-a-dia dos participantes. As principais características deste método são: condução do estudo por meio de experiências de vida das pessoas; foca-se também em estudos micros e profundos e envolve captar experiências vividas e representações sociais dos participantes nesses bairros em Maputo e Matola.

O uso da etnografia permitiu a minha estadia no campo por um período de 35 dias, onde apliquei as técnicas de observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas para escutar, questionar e escrever sobre o que acontecia entre famílias e vizinhos que residem em bairros alagados de Maputo. Na primeira fase fiz as observações de modo a captar o quotidiano dos moradores nesses bairros que na altura estavam alagados, onde com a permissão de alguns participantes pude captar fotografias que ilustravam as situações que algumas famílias passavam com as chuvas nesses bairros.

Ainda na primeira fase do estudo observava o dia-a-dia dos moradores, captando paralelamente fotografias sobre as realidades das famílias nesses bairros e como não tinha um guião de entrevistas previamente elaborado, fazia perguntas de forma aleatória aos participantes do estudo e com tempo e as respostas que estes davam-me pude actualizar o guião de modo que conseguisse alcançar os objectivos da pesquisa e de acordo com as novas situações que o campo de estudo me oferecia para a produção de dados.

Nesta fase do estudo conversava com participantes de forma aleatória, mas com o tempo fui fazendo recortes de acordo com a disponibilidade dos participantes em participar do estudo

e também com as indicações dos primeiros participantes que também residiam em contextos inundados pude alargar a minha pesquisa e conversando com outros parentes. Esta técnica permitiu-me ainda que conversasse com as estruturas administrativas que também partilharam suas experiências sobre as inundações nesses bairros. `

A selecção de participantes aconteceu em três momentos. No primeiro momento no Bairro KaMaxakeni na cidade de Maputo a selecção dos participantes do estudo foi feita pelo chefe de quarteirão, isto é, ele é que me apresentava nas casas em que podia entrar e fazer entrevistas as pessoas. Na Costa de Sol, a selecção foi feita de forma aleatória e nas casas que estavam em zonas baixas onde ainda eram visíveis os indícios das ultimas inundações de 2022, e em Nkobe depois que as autoridades locais me deram autorização para iniciar com o estudo, comecei por frequentar bancas para tomar o pequeno almoço, espaços de lazer e nesse processo aproveitava a oportunidade para conversar com as pessoas que as encontrava por lá e por intermédio dessas mesmas pessoas consegui aceder a outras e estas por sua vez me conectavam com as outras.

As técnicas de entrevistas e conversas com os participantes permitiram-me captar experiências vividas e construir narrativas etnográficas sobre como é que espaços com deficiências de planeamento urbano, de saneamento de meio e de infra-estruturas transformam relações sociais entre indivíduos e como é que estes buscam formas específicas para responder casos de inundações nesses bairros. O estudo possibilitou-me obter dados e informações que a partir dos quais construí o argumento final da presente dissertação. Estando ciente das implicações que os dados e as informações que constam deste estudo podem trazer para a vida privada e profissional dos participantes, optei com o consentimento deles que nas conversas informais e entrevistas semiestruturadas, os seus nomes apareceriam em anonimato, razão pela qual nas conversas e entrevistas que constam da análise e discussão de dados os nomes são apresentados em pseudónimos, como forma de preservar a identidade e integridade dos participantes.

3.5. Constrangimentos no campo

Durante a realização do presente estudo deparei-me com alguns constrangimentos, dentre eles, o facto de algumas famílias não aceitarem conversar comigo, mesmo depois de ter-me apresentado para as estruturas do bairro e estes me encaminharem as respectivas famílias. O não aceitar para conversar deveu-se ao facto deles pensarem e interpretarem que eu era mais um daqueles que só vinham para zombar do sofrimento que eles já passavam a alguns anos desde que se encontram a residir naquelas zonas. Este factor fez com que levasse mais tempo e optar em escolher famílias que permitissem conversar sobre suas situações sem esperar algo em troca. A outra estratégia encontrada por mim foi de seguir aquelas pessoas que se encontravam a trabalhar em estabelecimentos comerciais, bancas, bombas de gasolina etc. e através destes pude criar mais redes e conexões para conversar com mais famílias que tinham mais afinidade com os primeiros.

O segundo constrangimento foi o de algumas famílias não se encontrarem nas suas próprias casas por ainda estarem alagadas e estarem a residir noutras zonas enquanto aguardavam pelo abrandamento da água que ainda se encontrava no interior das casas. Para contornar este constrangimento, decidi seguir aquelas famílias circunvizinhas que me indicaram como poderia identificar/localizar as respectivas famílias a fim de conversar com elas sobre as experiências de migração em situações de vulnerabilidades.

O terceiro constrangimento foi o facto de em duas das famílias que participaram da pesquisa terem havido infelicidades em semanas seguidas. Na primeira família haviam perdido uma criança por motivo de doenças e na outra família o pai da família tinha perdido a vida em um acidente. Estes acontecimentos fizeram com que mudasse de estratégia quando fosse para lá, onde além de levar o meu bloco de notas, ia para lá apenas com o meu celular e enquanto conversava com os demais ia anotando todas as conversas no meu celular. A outra tática que encontrei foi a de participar nas duas cerimónias fúnebres e nestas mesmas semanas fazia visitas diárias as famílias e aproveitava a ocasião para conversar com outros participantes que lá se encontravam e no meu regresso transcrevia todas as notas que havia feito do meu celular para o computador.

4. Inundações urbanas: vivências e experiências de famílias que residem em contextos inundados em Maputo e Matola

Neste capítulo analiso as trajetórias e histórias de vida das pessoas sobre quando é que começaram a ocupar os bairros e quando é que os mesmos começaram a ficar inundadas em Maputo e Matola.

Segundo conversas e entrevistas aos moradores as causas que fazem com que a água de chuva esteja sempre presente na vida dos moradores destes bairros é o facto de o Estado não ter acautelado anteriormente os processos de planeamento urbano e ordenamento territorial que incidem na construção de casas, estabelecimentos comerciais, bares, armazens, falta de saneamento urbano entre outras formas de uso e aproveitamento de espaços que podiam segundo estes minimizar a ocorrência de inundações urbanas nesses bairros. A memória ambiental dos moradores de Nkobe por exemplo é expressa através de narrativas que apontam para a construção da estrada principal que liga o bairro com os restantes bairros da cidade e provincia de Maputo por esta ter sido muito elevada, sem nela ter sistemas de valas de drenagem eficientes que pudessem permitir a passagem das águas da chuva para zonas mais baixas onde ninguém está lá a residir. Este facto faz com que as famílias estejam a residir em casas e quintais alagados.

O outro elemento é de que quando compraram aqueles terrenos a zona estava muito elevada e parcelada e o Municipio fazia a gestão de todo tipo de construção nestas zonas, mas ao andar do tempo as coisas começaram a mudar e viam-se construções de casas em espaços que serviam de passagem da água como podemos ouvir na conversa a seguir:

“Eu vivo aqui em Nkobe a mais de 40 anos e naquela altura a uns 20 anos, quando comprei este espaço a zona tinha muito areal, e pertencia ao posto administrativo da Machava, e mesmo aquela Estrada principal que está ali não existia e nem passávamos estes tipos de problemas que estás a ver hoje, essas estradas, casas, lojas e mercados são os que começaram com estes problemas. Razão pela qual hoje nós já vivemos com a água a aproximadamente a 8 anos, e sempre quando chove tem sido assim todos os anos. Neste ano por exemplo nem saímos daqui porque a anos atrás perdi meu marido devido a doenças que teve por causa dessa água e agora só está eu e meus filhos apenas nesta situação que estas a ver. Dantes quando ele estava vivo as vezes saíamos para arrendar uma casa noutra zona onde não fica alagada. Houve um ano em que todos nós fomos obrigados a sair daqui, para zonas onde tinham feito acampamentos e só nos distribuíram tendas, que depois nos disseram que assim que a água secar em nossas residências temos de

voltar e devolver as tendas porque não nos pertencem, são deles só estão a nos ajudar porque estamos a passar por essa situação. Por isso que últimos anos quando chove as pessoas optam em ficar em suas casas, mesmo que seja dentro da água como aconteceu neste último ano (Angélica, Agosto, 2022).”

A partir da conversa com a Angélica percebi de como historicamente o bairro começou a ficar inundados e como é que os moradores através das suas experiências e vivências relacionam-se com os espaços inundados. Com esta narrativa etnográfica compreende-se também que as inundações transformaram e reestruturaram as relações sociais entre famílias, desde a forma como estes percebem e respondem a estes eventos no quotidiano, como podemos ver na conversa a seguir:

“Eu vivo aqui em Nkobe a mais de 20 anos, e esta casa que hoje tem um quarto, antes tinha dois quartos, duas salas, casa de banho e duas varandas, mas quando as inundações começaram a uns 10 anos a minha casa foi caindo aos poucos. Vivo sozinho a mais de 8 anos e perdi minha esposa a mais de 6 anos e desde lá até então a vida é dentro da água, ou melhor, se vives nesta zona estas sujeito a viver dentro da água e se não entras na água para fazer suas coisas pode ser difícil até mesmo para comer. Para mim esta situação até já é normal porque estou acostumado a viver dentro da água desde que estou aqui. Minhas refeições faço todas elas aqui na porta de entrada para dentro da casa, não tenho problemas com isso, e todos já sabem desta vida que levo desde que estou a residir sozinho. Outra coisa é que este bairro cresceu muito e algumas pessoas foram atribuídas terrenos pelo Municipio em lugares que eram caminhos de água o que acabou por mudar a nossas vidas aqui no bairro, porque hoje em dia a água já não passa e as pessoas são as que tem de si virar (Munguambe, Agosto, 2022).”

Com esta conversa percebi que as pessoas tem uma história em relação as inundações nesses bairros. Essa história é evidenciada com gestos de fundação do território e também evidenciam a sua relação com o lugar de moradia. Percebi-se também, com esta conversa que as famílias apresentam níveis diferentes de interação com o Estado, na medida em que a memória ambiental nesses lugares é, em parte, mediada por políticas públicas relativas à água das chuvas. As experiências de habitantes revelam uma linha não monolítica sobre inundações urbanas, mas especificidades na forma como o espaço é vivido e experienciado pelos indivíduos no quotidiano (Soares, 2016). A outra conversa que evidencia as experiências dos moradores com a água é da Dulce que dizia:

“Nós vivemos aqui nesta casa desde 2008, e isso de ficar na água começou em 2014 e, pelo que me lembro era antes do Governo construir aquela estrada, depois

que construíram a estrada nós também começamos a passar mal com alagamentos aqui zona, esta água que estas a ver aqui no quintal é do ano antepassado e nunca mais secou. Uma das formas que eu encontrei para não andar constantemente dentro água, foi de construir essas passarelas que permitem a ida a casa de banho, para dentro de casa, lavatório e outros lugares aqui em casa. Sabes, isto antes era um luxo, apesar de agora termos hospitais, escolas, mercados por perto, hoje em dia de tanto pisarmos água até já temos doenças que antes não tínhamos. Antes ao chover ficávamos aqui mesmo e nem ficava muita água, porque não tinham essas coisas, e naquela altura quando chovesse e o bairro ficar alagado tínhamos de ir para a casa de parentes, e o que implicava termos que ficar fora de casa por mais de três meses devido a chuva. Mas desde o ano passado tentamos ampliar a casa e elevamos aquele quarto e sala para que água não entrasse, porque da última vez que saímos vieram malfeitores e vandalizaram a casa e tiraram tudo que tínhamos e agora não podemos mais sair (Felizarda, Setembro de 2022).”

A partir desta conversa pude perceber as experiências ligadas à forma como os moradores chegaram e se instalaram nesses bairros. Este processo aliada das trajetórias de famílias nesses lugares mostrou-se relevante para a análise das práticas actuais, das formas de ocupação desses espaços e o conjunto de percepções e representações que providenciam o seu entendimento sobre a ocorrência das inundações nesses bairros. A construção da estrada, hospitais, escolas por exemplo podem ser percebidas como uma política pública que alterou substancialmente a paisagem urbana e os modos de vida de seus habitantes (Soares, 2016).

Na tentativa de buscar as trajetórias de como e quando é que os moradores decidiram ir viver nesses bairros, percebe-se que os mesmos produzem diferentes lógicas de ocupação desses bairros. Desta análise consta que alguns moradores vieram para esses bairros devido aos processos de criação de zonas de expansão que proporcionavam serviços públicos próximos para as pessoas. A partir da conversa com a Felizarda por exemplo, pude perceber que a construção de infra-estruturas urbanísticas serviu de motivo para a ocorrência de inundações no seu bairro. As imagens abaixo mostram duas residências inundadas, mas nelas se encontram famílias a residir sendo que a primeira é de um casal e a segunda é de uma senhora que reside juntamente com a sua filha.



Figura 8 e 9: Água nos quintais e no interior das casas, Nkobe, cidade da Matola, 2022

4.2. Transformação dos laços e criação de novas estratégias entre famílias que residem em bairros inundados e parentes que residem em bairros não inundados

Nesta secção analiso como é que as inundações transformam laços no seio das famílias que vivem em bairros inundados e parentes que residem em bairros não inundados. Esta transformação de laços é resultado da busca constante dos afectados pelo acolhimento quando as inundações chegam nas famílias que residem em espaços não inundados. A cada ano Maputo passa por inundações que, na sua grande maioria, ocorrem nas periferias da cidade. Com base nas conversas pude perceber que as famílias experimentam momentos marcantes das suas vidas devido ao valor que um parente representa para as suas vidas e o rompimento das relações de proximidade entre famílias configura-se como uma transformação social e que tem um impacto na vida das pessoas como mostra a conversa da Catarina:

“Este bairro fica alagado desde os anos 2000, e segundo os primeiros residentes (donos) destes espaços isto tudo era machamba, mas nós tivemos conhecimento disso depois que construímos as nossas casas cá. Nos primeiros anos as nossas relações com outras famílias estavam muito boas, eles vinham passar as festas. Também íamos em suas casas aos fins-de-semana, as festas familiares mas depois que as inundações começaram os problemas entre famílias também começaram a surgir e já não frequentávamos a casa de nossos familiares porque somos vistos como os que tem problemas comparado com outros parentes. Esses problemas surgem porque ultimamente já pedíamos a outros parentes que as nossas crianças

fossem lá enquanto nós ficávamos a cuidar da nossa casa que estava inundada e as crianças não podiam ficar lá porque podiam contrair doenças devido água estava completamente suja e seria um perigo para os nossos filhos. Esses contantes pedidos fizeram com que uma parte de outros parentes falasse mal tipo podíamos sair dali e arrendar do que aumentarmos o fardo para eles. Essas palavras fizeram que eu e meu marido cancelássemos a escola do nosso filho que estava no segundo ano numa universidade privada e começássemos a poupar o pouco que eu conseguia do meu negócio de venda de frutas no mercado grossista e do pouco que meu marido ganhava da reforma porque antes trabalhava como inspector da polícia de república de Moçambique para podermos comprar um terreno naquelas zonas de Boquisso e começarmos a construir uma outra casa para minimizar os problemas que nós com outros parentes. Sabes aqui é normal seus familiares não te visitarem por muitos anos, e alguns até alegarem que não querem vir apanhar doenças por sua causa. Por isso hoje em dia quando chove ou vamos arrendar ou ficamos aqui mesmo mas ir lá incomodar pessoas já não dá (Catarina Outubro de 2022).”

A partir da conversa com a Catarina percebi que houve uma transformação das relações sociais com outros parentes que haviam sido estabelecidos e prevaleciam antes das inundações, mas, que depois que os alagamentos tornaram-se frequentes as redes de solidariedade e de proximidade entre as famílias e seus parentes foram alteradas, implicando assim que as famílias que vivem em contextos alagados optem por outras estratégias de modo a responderem eventos desta natureza no quotidiano. Esta reformulação de laços e rotinas entre os dois lados mostra como as inundações podem impactam os modos de vida entre famílias e seus parentes. Entretanto, podemos analisar a família como uma das malhas que formam as redes sociais, nas quais os sujeitos se inserem e atuam; pode ou não constituir um suporte social, mas pode servir, de apoio ou sustentação para os seus membros no quotidiano (Silva, 2000), como mostra a conversa da Carla:

“(...) Mesmo o negócio de venda de mantas e milho que eu fazia aqui já não faço, e até minha família já está cansada de mim e nem quer saber de nada que eu vá lá pedir qualquer tipo de ajuda, porque, imagina-lá eu posso começar a vender coisas e os lucros saírem um pouco, mas quando a chuva volta nem lá onde vendo não tenho como ficar porque fico todo momento cheio de água e as pequenas poupanças que guardava tenho de investir para ir arrendar um outro lugar porque também não posso residir dentro da água todos os dias, senão corro riscos de apanhar doenças e até morrer e já para evitar isso tenho de fazer esses sacrifícios. Saio com meus filhos e minhas netas e como somos muitos nem podemos ir para

casa de um familiar porque ficam toda hora a dizer que fomos para lá acabar comida ou criar ‘engarrafamento’ (risos). Embora antes podia em cada família deixar uma criança mas depois que começaram a falar percebi que já não éramos bem-vindas e me sentia como se fosse um incómodo, porque parecia que era eu e meus filhos que sempre fazíamos visitas aos nossos parentes e eles não. (Carla, Novembro de 2022).”

A outra conversa é da Zitha que em relação a situação com outros parentes referiu que:

“No princípio quando isto começou era normal passarmos algum tempo fora daqui, e nem era necessário ir arrendar em casa de ninguém bastava chover era só sair daqui e ir para casa de familiares e mesmo na casa dos seus pais você podia voltar no caso de a casa ficar alagada por muito tempo. Das vezes que a zona ficava alagada levava minhas sobrinhas e minha filha para casa da minha irmã em Kongolote, porque todas não conseguiam andar encima dos blocos que colocávamos no quintal. Outra coisa, porque todas estas crianças vão à escola e é preferível que deem continuidade lá em vez de ficarem por aqui em Nkobe. Também porque lá vão se encontrar com outras crianças, mas atualmente nem as crianças não querem ir na casa de familiares preferem ficar aqui comigo mesmo com estes alagamentos porque dizem que lá lhes chamam de nômadas por estar todo momento a ir e voltar e elas não gostam de ouvir isso e as outras crianças nem podem vir aqui em casa (risos) vês como as coisas mudam até entre nós familiares não nos entendemos e eu sempre digo, se você é daqueles que está sempre a pedir favores as pessoas nunca vão-te respeitar (Zitha, Outubro de 2022).”

A partir destas conversas da Carla e Zitha pude perceber que as relações sociais são transformadas entre famílias e seus parentes, na medida que quando as inundações se repectem estes preferem permanecer nesses locais porque já não são bem-vindos na casa de seus parentes e preferem arrendar residências do que irem para casa de um familiar. Essa mudança das estratégias das famílias quando as inundações chegam mostra os sujeitos viviam antes e actualmente o fenómeno das inundações urbanas. O outro aspecto é de que devido aos alagamentos as famílias deixam para trás algumas práticas tais como: a agricultura familiar, empreendedorismo para responder a estes fenómenos no quotidiano.

A outra conversa é da Maria que nasceu na cidade de Maputo, e como sempre almejou um bom desenvolvimento pessoal e profissional teve de se mudar e arranjar um terreno na zona de Nkobe, onde reside a mais de dez anos, estando a trabalhar como Assistente de Logística num armazém da Cervejas de Moçambique (CDM). A sua experiência com a água não é de

hoje, a sua família já lhe criticou do porquê é que não sai da sua actual residência que quando chove fica toda ela alagada e opte em construir uma outra casa numa zona onde não existem problemas de enchentes.

A Maria explicou que:

“Lá era a casa dela o que podia fazer é que quando chovesse muito levasse seus filhos para ir viver na cidade de Maputo enquanto a água da chuva vai secando na minha casa e isso fez com que dum tempo para cá começassem a falar outras coisas para os seus meninos tipo ‘nós já informamos a sua mãe para sair de lá e ela não quer, sempre confia nos aumentar despesas nas nossas casas.’”

A partir dessa conversa pude perceber com a repetição das inundações em Maputo e Matola houve transformação de laços familiares que obrigaram que as famílias afectadas pelas inundações optassem por outras estratégias de resposta a este fenómeno e isso passou a ter um impacto significativo na vida das pessoas. Esta transformação fez com que nos últimos anos ela preferisse ir arrendar do que ir em casa de parentes para evitar conflitos com famílias que residem em bairros não inundados. Esta conversa mostra ainda como as inundações permeiam as relações sociais entre pessoas num determinado lugar e como estas dialogam com as lógicas de transformação urbana.

Entretanto, foi possível perceber que a experiência das pessoas com as inundações está ligada com as transformações sociais e urbanas de um determinado espaço em Maputo e Matola e que se reflectiram nas pessoas. Um exemplo disso é o rompimento de laços que os parentes desempenhavam quando as inundações chegassem e que além da mobilidade das famílias afectadas pelas inundações estas buscam estratégias que se traduzem na criação de novos modos de sobrevivência.

4.4. Antes parceiros e hoje inimigos: novos modos de convivência entre famílias que residem em bairros propensos a alagamentos em Maputo e Matola

Nessa secção descrevo o espaço de convivência das pessoas no quotidiano. As experiências entre moradores sugerem que se pense na construção permanente das relações sociais num lugar e como as mesmas se desfazem, aparecendo assim noções de tempo de ocupação do lugar e de memória colectiva em relação ao lugar.

A requalificação desses bairros introduziu novos condicionantes que passaram a circunscrever nas formas de ocupação e uso de determinados espaços pelas pessoas. A nova

configuração do bairro da Costa de Sol, KaMaxakeni e Nkobe indica que o acesso aos mesmos é regulado pelas demarcações que orientadas pela proximidade e afinidade entre pessoas e os sentidos atribuídos aos mesmos, decorrentes de experiências específicas.

Com base nas narrativas, compreendi que entre os próprios moradores, apesar de encontrarem-se no mesmo espaço geográfico e em situações similares buscam aliar-se com aqueles que se identificam e paralelamente separarem-se dos que não se identificam. Este processo de se aliar e escolher determinadas famílias está relacionado com a evolução urbana aliada a história e ocupação de espaços que alguns moradores consideram como sendo lugares que serviam de passagem das águas da chuva e pelo facto de na casa de uns ter um muro e nos casa de outros não.

Além de ter percebido que os conflitos são gerados pela criação de berracos nos quintais feitos de blocos de cimento, percebi que os conflitos são também frutos de inveja e cobiça de uns por terem casas com camada de nível elevada, por terem feitos muros de blocos de cimento e por outros terem recursos económicos que quando as inundações chegam conflitos sociais que podem ser visíveis nas relações entre moradores nesses contextos. Estes conflitos sociais transformam relações sociais entre famílias ao separar uns aos outros que por consequência geram novos personagens e novos modos de sobrevivência entre moradores desses bairros em Maputo e Matola.

No passado, as zonas suburbanas da cidade de Maputo apresentavam segundo Dos Muchangos (1994) uma estrutura de parcelamento onde se identificam o núcleo, o subúrbio e a periferia urbana, sublinhando a dificuldade existente em estabelecer limite entre o subúrbio e a sua periferia, dada a expansão para o Norte (a partir dos subúrbios) das áreas utilizadas para a produção agrícola (um dos critérios utilizados para a divisão).

Estas classificações são resultado do desenvolvimento histórico da cidade e corresponde às diferentes funções das áreas urbanas, que se manifestam através das diferentes combinações dos tipos de uso do espaço (Dos Muchangos, 1994). Por outro lado, Cherewa (1996) diferencia a zona suburbana em duas partes a semi-estruturada e a não estruturada. Na zona semiestruturada, o esquema de ocupação do solo urbano obedece a um plano de urbanização e são visíveis alguns serviços básicos característicos da cidade de cimento. Na zona não estruturada, a ocupação do solo urbano não obedece a nenhum plano urbanístico, e por consequência, a ocupação é desordenada e espontânea, encontrando-se desprovida de serviços básicos urbanos ou com uma existência bastante parcial.

Alinhado com os autores acima citados nota-se actualmente que nos bairros como KaMaxaquene, Costa de Sol na cidade de Maputo e Nkobe na cidade da Matola, ainda é notório entre residências a separação e partilha de paredes, de casas, de quintais, de estradas, arruamentos e até mesmo becos⁶ o que caracteriza a reordenação das suas práticas e rearranjos nas rotinas por forma a adaptarem-se as novas condições que caracterizam as zonas em Maputo e Matola.

Nas conversas participantes do estudo referiram que, o que acontecia antes é que quando o período chuvoso chegasse a água não ficava muito tempo nos quintais porque não tinham existiam murros feitos de blocos, alguns moradores não tinham viaturas nem bancas de venda e se as pessoas discutissem entre vizinhos era porque alguns malfeitores aproveitavam a calada da noite e invadiam as casas e roubavam coisas, alguns discutiam por causa de dívidas etc, e outros tipos de fofocas que criavam intrigas.

Depois que as inundações se tornaram frequentes nesses bairros nota-se que entre moradores existem novos modos de convivência que se desencadeiam no quotidiano destes vizinhos, destacando-se o acesso desigual as infra-estruturas como a construção de murros de blocos de cimento, por alguns terem viaturas e outros não e por causa de certos comportamentos que culminam com a criação de buracões nas casas e nos quintais para que estes (buracos) sirvam de caminho para a água passar das casas daqueles moradores que não tem murros feitos de blocos de cimento tal como podemos ver na conversa a seguir:

“Dantes aqui na zona não tínhamos murros feitos de blocos de cimento, os carros que passavam das ruas não eram daqui por isso é que a zona não ficava cheia de água como podemos ver atualmente, que alguns vizinhos tem seus murros feitos de blocos, alguns tem viaturas que sempre criam buracos nas estradas por sempre passarem dali. Por isso todos nós dormimos aqui dentro de casa mesmo que esteja cheia de água e também ficamos a controlar toda noite porque tem aqueles vizinhos que furam paredes de outras casas e murros para diminuir a água da casa deles e isso muitas vezes tem gerado discussões entre moradores porque alguns esperam anoitecer e furam as residências e quintais dos outros. Por isso é que quando chega o momento de alagamentos alguns vizinhos não falam uns com os outros por causa desses tipos de comportamentos. (Teresa, Outubro de 2022).”

⁶ De acordo com o dicionário de língua portuguesa, becos significa uma pista estreita, caminho ou passagem, muitas vezes reservada para pedestres, que geralmente corre entre, atrás ou dentro de edifícios nas partes mais antigas das cidades.

A outra conversa é do Marcos que revelou que:

“Algumas pessoas furam as casas e quintais porque alegam que a água que está a inundar a casa deles é dos outros vizinhos e não da casa deles, e o papo é de que a casa dele está encima, ou tem murro por isso é que fura para água poder passar. Só de começar a cair chuva as coisas mudam e você é obrigado a ficar na sua casa para poder controlar os vizinhos que fazem essas coisas porque só de te ausentares eles furam sem nenhuma piedade a sua casa para a água da casa deles poder sair e seres tu a sofrer e não eles. Se começa a chover enquanto estás no mercado ou mesmo em casa de um familiar és obrigado a voltar rapidamente de onde estás para casa para ver a situação da chuva na sua casa. Enquanto antes as coisas eram outras, não tinha isso de ficar a vigiar a casa mesmo de dia por medo que algumas pessoas furem paredes para ser você a sofrer e eles não (Marcos, Outubro de 2022).”

A partir destas conversas pude perceber que os conflitos são parte da evolução urbana dos bairros pelo facto de alguns moradores terem construído muros de blocos de cimento, por alguns moradores terem adquirido viaturas ao longo do tempo o que demonstra o acesso desigual as infra-estruturas, ao acesso dos recursos financeiros que para além da criação de buracos nas casas e quintais também geram transformações nas relações sociais entre moradores que residem em bairros alagados em Maputo e Matola. Estas e outras dinâmicas motivaram a quebra de alianças entre moradores dessas zonas. Estas situações mostram como a as inundações podem impactar negativamente nas relações sociais entre indivíduos que habitam no mesmo espaço. Estes aspectos podem também ser encontrados na análise feita por Lihaha (2009) no vale do Zambeze, onde destaca a existência de acusações muito fortes de feitiçaria entre os vizinhos, uma vez que esta proximidade permite fenómenos mais intensos de inveja, cobiça e bisbilhotice às coisas alheias; para além de acusações, como já referenciado, de amantismo e ciúmes, tal como podemos notar na conversa a seguir:

“Sabes aqui na zona há pessoas que não ficam felizes só de saber que você existe e tens o que tens. Fazem de tudo para que você também passar da mesma situação que eles estão a passar. Antes isso não acontecia cá na Costa de Sol, mas hoje até nas ruas tem pessoas que criam passagens de água para prejudicarem os outros vizinhos. Eu por exemplo estou a mais de cinco anos que não falo com aquele meu vizinho porque foi ele quem deixou cair uma parte do meu quintal para elevar a sua casa ao primeiro andar, porque num desses dias enquanto chovia e a água estava a ficar cheia na casa dele começou a bater fortemente no murro e o mesmo não resistiu e acabou por cair e até tive que ir remeter a queixa no tribunal para ele me repor o que estragou e até hoje nada porque ele é chefe. Podes se dar conta de

que quando estava a chover não havia água parada na sua casa, mas ao ir dormir durante a noite eles vem criar buracos e ao acordar vais encontrar que todo o teu quintal e, em noutros casos até dentro da sua casa tem água porque algumas pessoas com prédios vieram a noite para furarem casas de outras pessoas só porque não podem ser eles simplesmente a passarem mal com a água da chuva, e muitas vezes são as mesmas pessoas que aparecem como se fossem boas, mas que ao virar te esfaqueiam pelas costas (Zitha, Setembro de 2022).”

A outra conversa é do Jorge que sobre os conflitos entre vizinhos referiu que:

“Vivo aqui na Maxaquene a mais de 25 anos, a uns quinze anos atrás as coisas não eram assim por aqui, mas depois que algumas pessoas começaram a ocupar a zona de forma desordenada e repentinamente as coisas começaram a ficar mais confusas entre moradores do bairro. Lembro-me que a antes a água não ficava nas casas como hoje acontece, e nós nos reuníamos sempre para resolver os nossos problemas e não as de uma só família como hoje acontece em que só são problemas entre vizinhos quando chove, isso porque alguns aproveitam-se por terem dinheiro para elevar suas casas para demonstrarem o ódio que tem uns pelos outros. Houve uma situação quando alguma família decidiu ir passar alguns dias noutra casa numa outra zona e a vizinhança foi lá abrir o portão sem eles estarem presentes e quando os donos se aperceberam vieram de imediato e foram também destruir o quintal daquela família que foi abrir o portão para que a água da chuva saísse da casa deles. Este caso foi até parar nas estruturas do bairro e até hoje aquelas duas famílias não se falam umas com as outras por causa de situações de água (Jorge, Setembro de 2022).”

Com base nas conversas acima apresentadas pode se perceber que existe as desigualdades sociais de acesso as infra-estruturas e aos recursos financeiros geram situações de inveja e cobiça que proporcionam atritos e tensões devido aos alagamentos recorrentes nestes bairros. Ainda de acordo com as conversas e entrevistas pude perceber que em situações de alagamentos existem relações de poder entre os moradores que aparecem ter mais infra-estruturas ou recursos financeiros o que acaba gerando situações de conflitualidade já existente entre as famílias serve para fortalecer ações coletivas. Para Costa (1994), as ações colectivas nem sempre subentendem ausência de solidariedade, pelo contrário a heterogeneidade de interesses individuais se colocados a margem podem concorrer para fortificação de um grupo específico em prol de um bem comum em casos de vulnerabilidades urbanas em Maputo e Matola.

A noção do bairro como um espaço de convivência quotidiana contém um forte poder afetivo, de amor e ódio entre os moradores. O bairro igualmente é visto como um lugar onde as pessoas se ligam umas com às outras, fazendo parte dele. É um espaço geográfico onde se compartilham experiências e sentimentos de divisão de um destino comum e de conteúdo do qual se nutrem os membros de um grupo social nas suas vidas diárias, mas, também, um local de um contínuo estranhamento e evitamento (Costa, 1994).

Os regimes de justificação e de acusação e defesa advindos dos atritos e tensões entre os próprios moradores, a partir da criação de buracos nas casas e nos quintais, pelo facto de uns terem viaturas e outros não e pelo acesso desigual as infra-estruturas que por um lado produzem novas formas de interação entre moradores, por outro lado, através dos laços de confiança e gratidão oriundos de uma rede social geram também redes de solidariedade (Koury, 2014: 528).

Tanto o Jorge e a Zitha convergem nas suas explicações da ideia de que antes nestas zonas existiam outras maneiras que prescreviam situações conflituosas e hoje com a evolução urbana dos bairros aliadas a construção de murros de blocos de cimento, por uns terem viaturas e outros não são também factores que influenciam para a ocorrência de conflitos entre moradores devido a cobiça e inveja que advém do acesso desigual aos recursos e pelo poder social e económico que alguns possuem nesses bairros alagados em Maputo e Matola. Para estes participantes do estudo a temporalidade do antes de uns e do depois de outros têm um grande significado nas relações que se estabelecem hoje. Não obstante os relatos mostram a ocorrência de novas dinâmicas de relações entre moradores destes bairros o que se torna um desafio quer ao nível individual bem como entre a coletividade.

O ambiente de tensões e atritos que caracteriza os moradores destes bairros em Maputo, não quer dizer que não existam relações de solidariedade, porque segundo estes, estas práticas aliadas a cobiça e inveja acontecem muitas vezes de forma simultânea com práticas aliadas ao espírito de interajuda entre moradores que residem em bairros alagados em Maputo e Matola, conforme podemos ver no capítulo a seguir.

5. Redes de apoio e de solidariedade entre famílias que residem em casas alagadas em Maputo e Matola

Ao longo da realização do presente estudo constatei que além de relações sociais que tendiam a ser mais conflituosas e difusas entre moradores, observei também que as relações estabelecidas entre estes são também baseadas em hábitos que revelam intimidade, marcas características de grupos domésticos que têm as relações de proximidade, vizinhança e solidariedade largamente difundidos e valorizados desde crianças aos mais crescidos nesses bairros em Maputo.

A partir das conversas os empréstimos de recipientes de reservas de água, blocos para servirem de passarelas em quintais alagados, partilha de água para o consumo doméstico, criação de arruamentos para a passagem de água das chuvas, partilha/empréstimo de valores monetários, partilha de produtos alimentares básicos, criação de grupos para xitiques⁷ entre mulheres, os cuidados com as crianças e demais membros no seio das famílias são algumas das práticas que podem ser observadas e que são replicadas entre diferentes membros da família e vizinhos como resultado da proximidade que os quintais e residências apresentam nestas zonas em Maputo e Matola.

Neste subcapítulo discuto como os moradores dos bairros de KaMaxaqueni, Costa de Sol e Nkobe criam redes de solidariedade para uns com os outros de modo a ultrapassar situações de alagamentos nestes bairros. Na secção anterior vimos como os alagamentos produzem relações de conflitualidade e como estas relações são o *modus operandi* entre vizinhos destes bairros. Nesta secção discuto como os alagamentos geram de forma paralela redes de apoio e de proximidade entre famílias que residem em casas alagadas.

Se por um lado os moradores apresentam formas de solidariedade em situações de alagamentos, por outro lado, estes compartilham seus bens uns com os outros, e estes bens incluem blocos de cimento, recipientes de reservas de água, sacos de entulho para criação de barreiras para evitar a entrada de água nas residências, pás, enxadas, botas, sal, água para o consumo, compartilhamento de casas de banho entre aqueles vizinhos que suas casas de banho se encontram alagadas, criação de grupos de patrulhamento nos bairros para se evitar casos de roubo ou destruição de paredes nas casas, criação de arruamentos para a passagem

⁷Xitique, segundo o dicionário Infopédia significa modalidade de poupança, informal e coletiva, em que os membros de um determinado grupo (geralmente constituído por amigos, colegas ou familiares) contribuem periodicamente com um valor monetário predefinido, de modo a que cada um receba, à vez, o conjunto das contribuições assim arrecadadas.

de água das chuvas, partilha/empréstimo de valores monetários, de produtos alimentares básicos entre outras formas que passam a ser critérios para criação e fortificação de laços entre famílias e vizinhos que residem em bairros alagados como poderemos ver a seguir:

“Mesmo com discussões que aqui existem temos nos ajudamos uns com os outros em momentos difíceis como os dos alagamentos, porque aqui entre vizinhos tem momentos que alguns nem tem o que comer, mesmo beber, tem casos em que as pessoas nem tem recipientes para conservar a água para o consumo e outros quando chove a água pode ficar sem sair por mais de duas semanas e imagina-la como é que uma família pode sobreviver sem água por mais de duas semanas? Até podem morrer se não terem quem lhes pode ajudar com água caso tenha. Outro caso é de alguns arruamentos que não permitem a passagem da água para as valas, fazendo com que tenham famílias que vivem com a água por mais tempo comparado com as outras famílias e nestes casos temos criado campanhas semanais para realizar jornadas de limpeza e permitir que a água passe rápido para as famílias que ficam mais tempo na água. Outra coisa é que cá entre nós fazemos pequenas contribuições para podermos comprar blocos de cimento para reposição de alguns muros que têm sido destruídos pelas águas sempre que a chuva cai em grandes proporções, e usamos os mesmos blocos para criação de passarelas no caso daqueles quintais que tem agua (Carlota, Novembro de 2022).”

A outra conversa sobre relações redes de solidariedade é do Marcos referiu que:

“No caso em que nas casas de alguns moradores ficam todos alagados, dou a permissão para virem tirar água para cozinhar, tomar banho e até mesmo lavar roupa minha casa. Para aquelas pessoas que estão mais próximas da minha casa, aceito que até compartilhem a casa de banho, porque também um dia posso estar a passar as mesmas dificuldades e estou ciente de que eles também poderão me ajudar quando mais precisar. Aqui mesmo sal de cozinha existem vizinhos/as que na situação de inundações não tem, e quando aparecem na minha casa para pedir eu e minha esposa damos sem nenhum problema, também porque não sabemos do que pode vir acontecer nas nossas vidas amanhã (Marcos, Novembro de 2022).”

A partir das conversas acima pude perceber que no meio de relações conflituosas também há marcas de redes de apoio e de reciprocidade entre famílias e vizinhos nestes bairros em Maputo. As referidas redes de apoio e de solidariedade são construídas em meio de situações de alagamentos em que grupos que além do espaço, compartilham um conjunto de causas e valores tendo em vista ultrapassar determinadas situações não boas do dia-a-dia nestes bairros.

Tanto o Marcos e a Carlota partilham da ideia de que apesar dos conflitos existentes entre famílias, as práticas de partilha de blocos, produtos alimentares, valores monetários, recipientes para reservas de água traduzem-se hoje como uma continuidade de práticas de solidariedade e redes de apoio entre famílias e vizinhos que residem em casas alagadas, embora ainda possam ser traduzidos nalgum momento como gestos de doações como refere-se na conversa a seguir:

“Entre vizinhos as vezes cooperamos quando o assunto é partilha de água principalmente para os que não tem como tirar a água nas suas casas porque as torneiras estão todas alagadas e a água que lá sai está suja, e também nos ajudamos para os que não tem nem o que comer, tentamos juntar uma e outra coisa e oferecemos as outras pessoas pelo bairro. No caso em que percebemos que o período da chuva está a se aproximar compramos sacos e colocamos entulhos de areia e amontoamos em alguns quintais onde a água da chuva pode entrar com facilidade e assim evitamos que as casas de alguns vizinhos fiquem alagadas. Outra coisa que fazemos e partilha de recipientes para reserva de água para aquelas famílias que não tem onde guardar a água para o consumo e para que a água da chuva não se misture com aquela que é para o consumo caseiro. Há também casos em que damos produtos alimentares sem que estes tenham de devolver assim que a água passar, mesmo redes mosquiteiras, eu como trabalho no hospital quando me oferecem muitas redes ao chegar na zona partilho alguns com aqueles vizinhos que não tem possibilidades de poder comprar e tem sido assim em quase todas épocas chuvosas pelo menos aqui nas famílias ao meu redor (João, Outubro de 2022).”

A outra conversa é do Castro que referiu que:

“Entre vizinhos quando se aproxima o período chuvoso temos tido alguns encontros durante a semana para sabermos como é que um e outro tem-se preparado de modo a lidar com os alagamentos, porque existem alguns que passam mais mal com a água do que os outros e uma das sugestões que partilhamos entre vizinhos é que a gente compre cimento e areia para que elevemos os níveis das nossas residências e isso tem ajudado bastante para que a água da chuva não consiga entrar no interior das casas com tanta facilidade como antes acontecia (Castro, Outubro de 2022).”

A partir das conversas acima pude perceber que famílias mobilizam-se de forma ordeira e conjunta para responder a determinados problemas quando os seus bairros ficam todos alagados. Uma dessas mobilizações entre famílias e vizinhos incluem a partilha da água para o consumo, de alguns produtos alimentares, de sacos para fazer entulhos e criar barreiras nos

quintais que não possam permitir a entrada fácil da água da chuva. Foi ainda notório ainda nas conversas a existência da partilha de recipientes que servem de conservas de água para o consumo caseiro nas famílias que apresentam dificuldades para aquisição desses materiais, e paralelamente vimos como a presença da água proporcionou a criação de novas formas de solidariedade tais como a compra de cimento para ajudar aquelas famílias que viram suas paredes de casas e quintais e caírem, bem como para o aumento das camadas de nível de chão para que não se permita a entrada fácil da água.

Diante do exposto cima podemos notar a participação plena dos moradores destes bairros em acções de solidariedade, trabalho, associativismo, religião, festas que podem ser concebidos como aspectos de criação e manutenção de relações dadas entre as comunidades o que permite uma maior coesão de um determinado grupo (Ribeiro e Júnior, 2014).

A solidariedade aparece como vínculo de responsabilidade recíproca. A solidariedade pode ser vista como uma condição grupal resultante de comunhão de atitudes e sentimentos de modo a constituir o grupo unido sólido, capaz de resistir as forças extremas e mesmo de tornar-se ainda firme em face da oposição vinda de fora (Almeida, 2007).

De forma geral a partir das conversas pude perceber para além dos conflitos gerados pela cobiça e inveja, os moradores unem-se uns aos outros para ajudar quem mais precisa, de modo a ultrapassar um determinado problema comum, em situações de alagamentos. Além de redes de apoio e de solidariedade observa-se no capítulo a seguir casos de transformação de divisão sexual do trabalho e a manutenção de papéis de sociais de homem e mulher famílias como veremos a seguir.

5.1. Das representações sociais às práticas de homem e mulher dentro da família em bairros inundados em Maputo e Matola

Nesta secção mostro as diferentes dinâmicas que perfazem as práticas entre homens e mulheres em contextos inundados em Maputo e Matola. Com base nas observações e conversas com os participantes percebi que ocorrem diferentes transformações entre homens e mulheres no espaço laboral devido aos alagamentos. Estas transformações tomam a ideia de que a actividade de trabalho é a produção de si: “trabalhar, não é apenas transformar o

mundo, é também transformar a si mesmo, produzir a si mesmo”, o que implica que não se pode pensar o trabalho, sem levar em conta as subjectividades (Dejours, 1998).

Nesta secção apresento estudos de caso sobre relações de poder entre homens e mulheres nas famílias que residem em casas alagadas em Maputo. Nesta dinâmica de ambos (homens e mulheres) na sociedade, e de acordo com as conversas com os participantes percebe-se que, tanto os homens assim como as mulheres podem desempenhar as mesmas actividades no contexto de alagamentos como mostra a conversa a seguir:

“Tem dias que minha esposa para poder cozinhar tinha de esperar eu voltar dos meus biscatos porque o fogão que usávamos era eléctrico e ela tinha muito medo devido as crianças que estavam sempre em casa e isso fez com que noutros dias adaptássemos um horário trabalho e de regresso para casa porque para as crianças poderem comer dependiam da hora em que eu voltasse do trabalho para ligar o fogão e a mãe das crianças poder cozinhar, e muitas vezes sou eu quem passava do mercado comprar o que tínhamos de cozinhar todos os dias, e enquanto ela cozinhava eu tinha de dar banho as crianças e mesmo nesta casa que estamos a arrendar se ela estiver a fazer outras coisas eu cozinho para os meus filhos sem nenhum problema (Paulino, Novembro de 2022).”

Desta conversa pode se perceber como algumas actividades na família estão dissociadas a posição de homem e da mulher, onde observa-se que ambos, estes podem desempenhar as mesmas actividades quer na comunidade ou no seio familiar, quebrando com as regras naturalizadas de papéis sociais e de divisão sexual de trabalho entre homem e mulher. Ainda podemos perceber nesta narrativa que existe uma negociação permanente estabelecida entre ambos para fortificação das relações, sem que isso interfira no lugar que cada um ocupa dentro da família e na comunidade. Aliado a isso temos a conversa da Maria que dizia que:

“Eu vivo de negócio de mantas, almofadas e outras coisas que vou comprar na África de Sul a mais de 15 anos e antes de ficar alagado era normal que eu e meu marido que ficássemos fora durante toda a semana porque outras coisas levávamos para outras zonas e províncias, mas depois que começamos a ter este problema de inundações se eu saio, meu marido uma vez que trabalha lá na cidade é obrigado a estar em casa muito cedo para cuidar das crianças porque a casa não pode ficar sem nenhum dos dois por muito tempo por causa das chuvas e também porque temos crianças e nos dias em que não estou ele quem cozinha, da banho as crianças, lava até roupa das crianças enquanto eu trato de negócio nas zonas onde temos bancas. Isso nunca nos afetou a nossa relação tanto que nos dias em que eu estou tem dias que ele mesmo responsabiliza-se em cozinhar e eu aproveito para

fazer outras que ajudam a nossa família e os nossos filhos (Maria, Outubro de 2022).”

Com base nas entrevistas pude perceber que, a vida das mulheres e dos homens casados pode ser invertida e equilibrada, quebrando assim com algumas tarefas tidas como masculinas e outras tidas como femininas no seio da família. Nota-se ainda que a cooperação existente entre ambos não interfere no lugar do homem e da mulher dentro ou fora de casa. Diante disso, podemos perceber que há uma transformação de estereótipos sobre o ser masculino e feminino, desassociando assim a ideia de que a posição de um pode ser do outro quer na família ou comunidade.

Losada e Rocha, (2007), acrescentam que associados à autonomia feminina, existem alguns factores que contribuem para a saída da mulher de casa, corroborando a diversidade de papéis, entre eles, as exigências impostas pela sociedade que valoriza e qualifica a actividade laboral de ambos quer no seio familiar ou fora, tal como mostra a narrativa da Carla a seguir:

“Meu marido é pedreiro vive de biscates de construção de casas e muitas vezes depois que viemos para aqui ele é quem cuida de assuntos de casa. As vezes ele é quem sai para o mercado procurar caril para cozinhar enquanto eu estiver a trabalhar porque dou aulas numa escola em *Kongolote*⁸, e isso já é normal dentro da minha família, apesar de noutros dias ter de ser eu que ao sair da escola vou direto ao mercado comprar essas coisas, e também lhe poupo dele ter de pisar aquela agua suja enquanto o mercado está perto da escola, por isso tem dias que sou eu que faço isso, e com isso dou-lhe mais tempo para que fique a cuidar das crianças como eles entram de tarde, e quando a hora de irem a escola se aproximar ele prepara-lhes em tudo e ele mesmo leva-lhes para a escola porque está lá noutra zona. Mas nos dias que ele sai para trabalhar eu também tenho de sair de casa enquanto deixei tudo pronto para as crianças e até faço de tudo para voltar cedo cozinhar e aquecer agua para ele quando voltar (risos) (Carla, Outubro 2022).”

Com esta conversa pude perceber as dinâmicas de transformação de estereótipos associados ao homem e mulher no contexto de inundações, onde vimos que os papéis sociais que são assumidos como do homem ou da mulher são partilhados e muitas vezes estão interligados como observamos nesses estudos de caso. É na família, que muitas vezes as posturas de dominação, autoridade, controlo, força e violência são naturalizados e vistos como constituintes da sociedade, mas nestas conversas percebemos novas tendências e condicionantes que definem a ideia de homem e mulher em sociedade e que se encontra

⁸ Kongolote é um bairro da cidade e Município da Matola, província de Maputo

desassociada a estereótipos de naturalizados, sem afetar naquilo que é o fortalecimento das relações sociais entre ambos nestes locais.

A outra conversa é do Carlitos:

“Eu faço aquelas cestas de sacos para aquelas senhoras que vendem produtos no Zimpeto, esse trabalho de costurar cestas comecei em 2014 porque naquele período não podia-me ausentar e ir ficar muito longe de casa porque vivo apenas com as minhas crianças e quando pensava em continuar sempre me ocorria na cabeça que era arriscado deixar as crianças sozinhas neste lugar. Mas como é difícil viver sem saber o que fazer para poder ganhar algum dinheiro e poder dar de comer as minhas crianças optei em reinventar-me e para que não morrêssemos de fome. Minha mulher não faz nada também depois que entrou a covid-19 teve que sair para casa dos pais e me deixou com todas as crianças. Agora sou eu quem faz tudo praticamente, água para beber, caril para cozinhar, ir ao mercado, lavar a roupa das crianças, levá-los para escola para não terem de pisar água etc. sou eu quem faço todo esse trabalho e não tenho vergonha disso, afinal de contas eu sou pessoa e tudo que uma mulher faz eu também posso fazer e é isso que faço (Carlitos, Outubro de 2022).”

Com base nesta conversa percebi que há uma transformação de papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres, sendo que neste caso observa-se que estão desassociadas das relações de poder que se desencadeiam entre homens e mulheres na família e na comunidade. Estas novas tendências mostram como papéis sociais entre homens e mulheres são acompanhadas pelas dinâmicas e transformações urbanas, desconstruindo assim a ideia de masculinização e feminização do homem e da mulher e seus aspectos constituintes.

Padovan e Ordones (2017) referem que com a entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho, o padrão de funcionamento das famílias foi obrigado a se reinventar, trazendo novas perspectivas e novas configurações que interferiram tanto no relacionamento mãe-filho quanto no relacionamento marido-mulher. Hoje, e desde certo tempo, o principal desafio da mulher é conciliar o tempo da actividade profissional com as actividades domésticas, sem deixar de lado o precioso momento de cuidar com os filhos e atenção a família.

A partir dos dados apresentados pude perceber que as representações e os papéis sociais de homem e mulher em contextos inundados há uma transformação de papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres, sendo que neste caso observa-se que estão desassociadas das relações de poder definidos pela sociedade, visto que entre ambos há aqui a partilha de

tarefas diárias. Gato e Mendonça (2007) afirmam que “no decorrer das últimas décadas, a presença em grande número de mulheres no mercado de trabalho tem vindo a alterar modos de funcionamento quer na esfera laboral, quer na esfera familiar. As famílias onde só um elemento do casal trabalha fora de casa foram dando lugar a famílias de duplo emprego. Este padrão familiar recente suscitou novos desafios e mudanças nos papéis sociais tradicionais que despoletam nos casais a necessidade de conciliar as tarefas profissionais com as tarefas familiares, como mostram os estudos de caso desta secção.

5.2. Das representações sociais às práticas diárias entre homem e mulher fora da família em bairros inundados em Maputo e Matola

Nessa secção analiso as práticas diárias entre homens e mulheres fora da família em bairros alagados. As representações sociais permitem que se construa uma compreensão de como um grupo social percebe, vivencia e partilha um determinado fenómeno. Jodelet (2001: 17) considera que as representações sociais nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva. Para este estudo torna-se pertinente analisar as transformações em relação às crenças referentes aos cuidados dos filhos aos afazeres domésticos na família em contexto de inundações urbanas em Maputo e Matola.

Jorge é casado e pai de quatro crianças sendo que na sua residência vive com o filho mais velho, sua esposa e que juntos tem uma criança recém-nascida. Referiu que mesmo tendo sua esposa em casa leva a criança para tomar a vacina e fazer peso no hospital e em contrapartida a sua esposa também vai aos postos de abastecimento da água pagar faturas de água e até comprar *credelec*⁹ mesmo ele estando em casa. Diz ainda que mesmo em reuniões do bairro quer ele ou a mulher vão sem nenhum problema, até mesmo naqueles casos em que exigem que seja homem a estar lá, ela também costuma estar e isso não interfere em nada como podemos também notar na conversa com o Mário a seguir:

“Quem comprou este terreno e foi registar no município da Matola foi minha esposa a 10 anos atrás e veja que mesmo depois disso ter acontecido, não interferiu em nada na nossa família e estamos ainda a residir juntos e sem qualquer tipo de estresse, mas se fosse com outras pessoas diriam que fui engarrafado e não tenho voz na família. Mesmo quando minha mulher está nos seus dias (risos) passo da

⁹ *Credelec* um Sistema de venda a crédito (pré-pagamento) de eletricidade

loja e compro pensos usuais sem problema, porque ela sou eu, o mesmo acontece quando fico doente ela leva-me para o hospital fazer análises (Mário, Outubro 2022).”

A outra conversa é do Carlitos que disse que:

“Quando a gente saímos para curtir¹⁰ muitos pensam que quem paga as contas sou eu porque sou o homem da relação enquanto não. Vou-te contar algo que já nos aconteceu por duas ou três vezes, um dia fomos a um bar beber e ficamos lá por mais de três horas e as pessoas que estavam ao meu redor pensavam que quem estava a pagar as coisas que a gente estava a consumir era eu e só no final é que se deram conta de que ela é que estava a pagar desde a hora que chegamos até o momento em que saímos. O outro episódio foi quando eu estava a uns três meses sem trabalhar e até pessoas da minha zona sabiam que eu tinha parado de trabalhar, mas todos os finais do mês minha esposa me levava para passear sem nenhum problema e até algumas das suas amigas perguntavam a ela do tipo: “assim que seu marido não está a trabalhar onde é que encontra dinheiro para te levar para sair e beber/curtir?” E ela respondia: “eu trabalho e sempre foi assim entre nós quer eu ou ele se o que está em jogo é a nossa felicidade cada um de nós pode criar condições para sermos felizes (risos) e o facto dele ter parado de trabalhar não implica que algo deve mudar nas nossas vidas (Carlitos, Setembro de 2022).”

A partir das conversas acima pude perceber como homens e mulheres adoptam práticas diárias que não afectam e nem interferem nas posições que os dois ocupam na comunidade ou família, são nuances que acompanham as transformações sociais e os modos de convivência entre pessoas que residem em contextos inundados. Estas experiências entre casais não ocorrem apenas em casa, as conversas mostram que existem outros lugares de circulação que servem de fortificação de laços entre casais conforme vimos que espaços de lazer e de curtição, ambientes de amigos e amigas, no trabalho, reuniões do bairro, na compra e registo de terrenos são alguns dos vários lugares representativos entre casais fora do seio familiar. O outro exemplo é a conversa da Felizarda a seguir:

“Nós os dois somos diferentes dos outros que colocam as mulheres como inferiores e devem obedecer sempre o seu marido, eu saio sempre para ir beber com amigos do meu marido sem ele estar e isso não é problema para nós os dois porque nos confiamos. Tem dias que ele não pode sair de casa porque eu saí para algum lugar e tem outros dias que eu também não posso sair porque ele não está em casa (...) lembro me da última que dei parto e no meu trabalho não aceitaram

¹⁰ Curtir quer dizer aproveitar os bons momentos da vida.

que eu ficasse de férias naqueles dias, e isso fez com que meu marido trouxesse-me a criança todos os dias aqui no meu local de trabalho porque também não podia ficar sem trabalhar, minhas amigas até perguntavam-me se meu marido já não estava cansado daquela rotina de ter de vir cá duas vezes ao dia para cidade te trazer o bebe para amamentar? Eu disse não foi ele que até me aconselhou para que não parasse de trabalhar, acredito que se fossem outros maridos diriam na hora que não podes mais ir trabalhar, o melhor a fazer é cuidar da criança e estar dentro de casa porque a zona também está cheia de água e a criança não pode estar exposta. Da última vez que ele veio pra cá até entrou no meu escritório com a criança no colo e minhas colegas até se riram tipo “hi teu marido te amiga”. Mesmo em festas de casamento eu posso ir e ele ficar em casa a cuidar da casa e da criança sem problemas (Felizarda, Novembro de 2022).”

Com base na conversa da Felizarda percebi que entre homens e mulheres se estabelecem formas negociações permanentes fora do seio familiar que também não afectam e nem interferem nas relações de poder entre casais em contextos inundados. Esta experiência corrobora com a ideia de que existem lugares que são categorizados e assumidos como sendo de uns e não de outros. Esta explicação mostra como nos papéis sociais de homem e mulher ocorrem transformações sociais que além de gerar conflitos consolidam e fortificam relacionamentos entre homens e mulheres na famílias.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são apoiadas em valores que variam de grupos sociais dos quais tiram suas significações, e também baseiam-se em saberes anteriores, reavivados por uma situação social particular. Estes saberes são considerados processos centrais de elaboração representativa. As representações estão ligadas tanto a um sistema de pensamentos mais amplos, ideológicos e culturais, a um estado de conhecimentos científicos, como também à condição social e a espera privada e afectiva dos indivíduos.

Nesta secção mostrei como espaços fora do seio da família servem de fortificação de laços entre pessoas no quotidiano. Estas representações sociais permitem aos indivíduos nomear, e definir conjuntamente os diferentes aspectos da vida quotidiana, de modo a interpretar certos aspectos, tomar decisões e posicionar-se frente a eles e de forma defensiva.

Nesta discussão sobre as práticas sociais de homens e mulheres vimos como estes negociam papéis sociais tidos e representados pelos homens e outros representados pelas mulheres. Este processo de negociar permanentemente valoriza a ideia de que os aspectos considerados masculinos são também parte integrante dos aspectos considerados como femininos. Essas nuances são ainda assumidas como marcas de (re) construção de relações

de entre homens e mulheres em espaços inundados e proporcionam uma interação mútua entre ambos. Para Da Rocha (2007), os homens devem desconstruir o significado de aspectos femininos e expandir o conceito de feminino com um princípio, descobrindo essa dimensão dentro de si, e as mulheres por sua vez, devem estar abertas para a desconstrução de estereótipos considerados masculinos para perceberem-nos como parte integrante de si mesmas.

As representações sociais sobre o que é ser homem e ser mulher, do ponto de vista masculino e feminino, se relacionam não só à questão de gênero, mas também à transmissão geracional, na medida em que são construídas não apenas no grupo social contemporâneo, mas são partilhadas de geração em geração (Santa Ana, 2012: 257). A autora sublinha que a vida das diferentes gerações é objecto da produção de representações sociais que se referenciam, em maior ou menor grau, com as acções de seus atores, destacando pontos de intersecção entre as representações sociais e as formas de transmissão. Os valores familiares, crenças, comportamentos e habilidades são transmitidos de uma geração para outra, o que faz com que a família exerça um papel intermediário nesse processo contínuo (Bouchard, 2012).

5.3. Estratégias de famílias para lidar com a presença da água nos quintais e no interior das residências em Maputo e Matola



Figuras 10 e 11: Quintais alagados e blocos e pedras de cimento que servem de passarelas, Nkobe, cidade da Matola, 2022



Figuras 12 e 13: Quintal cercado de sacos de areia e entrada de uma casa elevada com blocos de cimento para como barreiras da água das chuvas, KaMaxaqueni, cidade de Maputo 2022

Nesta parte analiso as estratégias adoptadas pelas famílias para lidar com as inundações no quotidiano. Com base na observação e conversas pude perceber que às famílias que residem nesses bairros criam formas específicas de resposta as inundações urbanas. Estas formas partem incluem o uso de blocos, pedras de cimento elevação das casas, uso de sacos com entulho de areia que depois são perfiladas ao longo do quintal de modo que a água da chuva não entre para o interior das residências. Estas formas de respostas a inundações mostram como indivíduos residentes em espaços com problemas de saneamento e planeamento urbanos, lugares com o acesso desigual as infra-estruturas buscam formas locais para responder a estes acontecimentos.

Soares (2015) no estudo que realizou em Belém no Brasil constatou que quando chove na Mena Barreto, a primeira coisa que se ouve é o barulho das crianças correndo na chuva. Ouve-se seus gritos de euforia, seus passos rápidos debaixo da janela e quando se olha para fora é possível ver os petizes chutando a água empoçada e tomando banho nas biqueiras que caem do telhado das casas. A chuva para as crianças é motivo de alegria e brincadeira.

As atitudes dos adultos nas ocasiões em que a chuva cai um pouco mais intensa do que o costumeiro. “Enquanto as crianças corriam pela rua, nos mais velhos este acontecimento tinha um olhar de preocupação. Os mais velhos ficavam inquietos, e olhavam para o céu examinando a intensidade da chuva que caía e examinavam a vazão e o volume da água que

corria pelo meio-fio em frente às casas. A preocupação surgia igualmente porque no passado as ruas ficavam inundadas e a água chegava até ao local onde as famílias residem” (Soares, 2015: 141).

A partir de entrevistas pude perceber igualmente que em KaMaxaqueni, Costa de Sol e Nkobe na cidade e província de Maputo respetivamente, que as pessoas adoptam estratégias específicas para lidar com a presença da água da chuva nos seus quintais e no interior das residências como mostram as imagens acima com a conversa da Maria que dizia o seguinte:

“(…) nós temos medo das chuvas porque já sabemos que a partir do mês de Setembro em diante começa a época chuvosa e isso vai até meados de Abril do ano seguinte. Devido a esse conhecimento aqui em casa preparamos tudo no período do inverno como por exemplo o aumento da camada do nível do chão no interior da casa, e da varanda tendo em conta a experiência anterior das enchentes, colocamos blocos em algumas partes do quintal e até compramos botas para quando a chuva chegar não nos apanhar desprevenidos aqui em casa, até mesmo água guardamos em grandes quantidades lá dentro (Maria, Setembro de 2022).”

A outra conversa sobre as estratégias adoptadas para lidar com os alagamentos é do Celestino que referiu que:

“Quando o interior da casa e o quintal ficam alagados coloco blocos em locais onde irei precisar de coisas para usar, elevo a cama e malas das minhas roupas. Para cozinhar blocos e depois coloco uma chapa de zinco e depois coloco o carvão ou a lenha por cima para poder conseguir cozinhar porque o chão está todo cheio de água. São estes blocos e chapas que tem-me ajudado muito quando o chão está todo inundado. Por isso sou também obrigado a cozinhar uma vez por dia porque não posso entrar nesta água suja, e a comida que cozinho serve como meu mata-bicho de manhã, almoço a tarde e jantar a noite e noutros dias serve como meu mata-bicho no dia seguinte (risos) (Celestino, Setembro de 2022).”

As conversas acima colocadas mostram como é que em situações de inundações as famílias adoptam diferentes estratégias baseadas em experiências e suas trajetórias de como responder a estes acontecimentos. Os mesmos dados mostram como é a chuva interfere nos modos de vida, onde antes por exemplo as pessoas faziam três refeições diárias, mas depois que os alagamentos tornaram-se frequentes fazem uma refeição ao dia o que mostra ainda como é que indivíduos residentes em contextos de problemas de planeamento urbano, sistemas de valas de drenagens ineficientes criam formas particulares para lidar casos específicos.

Tendo como base as conversas de Celestino e Maria, Soares (2015) refere no seu estudo que os moradores mais antigos da Mena Barreto são pessoas calejadas pelas consequências das chuvas fortes de inverno. Para eles, a temporalidade do lugar é marcada por um antes e um com as nascidas no asfalto e chão secos, as crianças só conhecem o depois e a chuva é motivo de festa.

Esta expliação de Soares mostra como é que em contextos onde fiz a pesquisa a chuva é também motivo de preocupação para os modarores onde podemos ver da conversa tida com a Teresa que referiu que:

“Quando muda o tempo começamos a ficar preocupados e até nos perguntamos se isso vai prestar ou não, por exemplo antes de ontem quando começou a chuvejar fiquei muito preocupada e até fui pedir blocos para colocar congelador, fogão, sofás e outras coisas que não podem apanhar água e isso acontece em quase em todas residências para não perderem tudo que compraram com tanto esforço. As vezes você até pode pensar que não vais conseguir carregar muitos blocos para o interior da sua residência, ou mesmo no quintal, mas quando começa a chover, o medo e a angústia começam a aparecer e você ganha força e começa a carregar todos os blocos dispersos e arrumas em cada coisa que está no interior da sua residência, veja até aqui na entrada para o interior da casa tem essa barreira que coloquei porque sempre que chovia a água entrava com facilidade para o interior da residência, mais agora vale apenas, a chuva só entra quando a chuva cai muito, mas caso não já não entra (Teresa, Setembro de 2022).”

A partir da conversa com Teresa pode se constatar que entre moradores existem formas pré-definidas para responder qualquer eventualidade que possa provocar alagamentos nestes bairros. Estas formas pré-definidas mostram como pessoas em situações de vulnerabilidade buscam estratégias específicas para responder seus problemas como podemos ver da conversa da Carla que dizia o seguinte:

“Esses blocos que vêm alinhados até a entrada da casa de banho, na cozinha, na torneira e até dentro de casa colocamos para não pisarmos água todo o momento porque depois podemos ficar doentes e os nossos pés podem apodrecer de tanto estarem na água. Aqui sapatos colocamos fora de casa mesmo ao saíres para o quintal você tem de pôr botas para poder fazer tudo, até banho tem dias que fazemos na varanda, ali mesmo onde lavamos pratos porque é quase que impossível se sair e até a casa de banho fica cheia de água e é ali onde fazemos tudo praticamente porque não se pode sair para nenhum lugar. Todos aqui em casa temos botas e até temos alguns pares de reserva que damos aos hóspedes quando

veem nos visitar nos dias que a zona fica cheia de água, mesmo roupa estendemos lá dentro de casa e esperamos o dia em que o sol vai sair para podermos estender fora (Carla, Setembro de 2022).”

Ao longo da observação dos locais do estudo e com o consentimento dos participantes, pude paralelamente captar fotografias das casas e dos quintais que estavam inundados e as diferentes estratégias adoptadas pelos moradores para lidar com inundações. A minha participação em algumas actividades tais como o alinhamento dos blocos ao longo dos quintais dos moradores permitiu uma maior aproximação com os mesmos e mais abertura de modo que aprofundasse as conversas, facilitando assim o acesso a informações que me foram pertinentes para o presente estudo.

As fotografias indicavam que grande parte das famílias que moram nessas áreas têm formas similares e inovadoras para responder as inundações. Estas formas específicas são resultado das experiências que as pessoas têm com o lugar. Ao me aperceber de experiências que vão desde o medo pela chuva até as práticas que são adoptadas em meio destes fenómenos percebe-se como é que as inundações impactam directa ou indirectamente nas suas vidas e gerando assim novas formas de organização social dentro dessa coletividade.

Estas formas de responder a este fenómeno foram sendo adoptadas na medida em que os bairros vão crescendo e as inundações são também constantes. A ocorrência das inundações em parte é resultado de políticas públicas responsáveis que partem desde a construção de casas, serviços sociais e outro tipo de infra-estruturas urbanas, na medida em que estas edificações alteram a dinâmica do escoamento das águas pluviais e servidas, criando assim inundações permanentes. Além disso, essas políticas acabam tendo como impacto a criação de desconfigurações urbanas em que as fronteiras entre as construções legais e ilegais se encontram (Soares, 2016).

O uso de blocos, botas, a colocação de barreiras para não entrada de água da chuva nas residências, a elevação da camada de níveis das casas com entulho de areia ou mesmo com cimento mostra como em contextos de inundados as pessoas/famílias usam formas específicas para responder a estes eventos no quotidiano.

Devos, Soares, Rocha (2010) referem que no contexto de alagamentos podemos observar rupturas, fins, começos e recomeços da incidência das águas em suas mais variadas intensidades em Maputo. A análise destes autores permitiu-nos compreender como é que

famílias que vivem em zonas propensas as inundações são obrigadas a estabelecer outras formas de sobrevivência nesses locais.

De um modo geral, a partir das conversas informais e entrevistas pude perceber como é que as vivências e experiências actuais dos moradores estão directamente ligadas a evolução urbana dos bairros da cidade de Maputo e Matola, onde as construções sem respeitar as políticas de ordenamento territorial, e de saneamento do meio vão transformando laços entre membros de famílias que residem em bairros inundados e não inundados. Vimos ainda que o discurso que se traduz em conflitos não é apenas fruto da criação de buracos entre vizinhos, é também fruto do acesso as infra-estruturas onde observa-se que as casas de alguns moradores estão vedados pelos murros de blocos de cimento, e alega-se que estes por sua vez possuem recursos económicos por estarem permanentemente a melhorar as suas residências razão pela qual uma parte desses conflitos são resultado de inveja, cobiça e bisbilhotice às coisas alheias; para além de acusações, como referenciado pelos moradores.

De forma paralela ocorrem igualmente redes de apoio e de ligadas a partilha recipientes de reservas de agua, sacos de entulho para criação de barreiras para evitar a entrada de água nas residências, pás, enxadas, botas etc. Vimos as também que os papéis sociais de casais dentro e fora da família não seguem os valores instituídos como femininos ou masculinos, são processos construídos na interação quotidiana e influenciado pelas experiências que espaço físico e social lhes oferece. Por último vimos que entre famílias para além das políticas municipais de intervenção há adoção estratégias locais para lidar com as inundações na cidade de Maputo e Matola.

6. Considerações finais

A presente dissertação de Mestrado teve como objectivo analisar como é que as relações sociais são transformadas pelas inundações urbanas na cidade de Maputo e Matola. Para além disso o estudo buscou de forma paralela compreender como é que estas famílias respondem a estes fenómenos, a partir de estratégias adaptativas locais. Nesse sentido, ao analisar a forma como é que as relações sociais são transformadas pelas inundações urbanas em Maputo e Matola, tornou-se relevante para a compreensão das diferentes trajectórias de apropriação de espaços, dos conflitos e das redes de apoio lá existentes, das práticas diárias entre homens e mulheres e das diferentes estratégias adoptadas pelas famílias para lidar com as inundações nestes locais.

A partir das técnicas de observação participante, conversas e entrevistas semi-estruturadas com os participantes pude não só explorar as políticas de intervenção adoptadas pelo Estado e pelas entidades privadas para a minimização dos impactos das inundações urbanas, como também as relações sociais entre pessoas que são transformadas entre famílias afectadas pelas inundações na cidade de Maputo e Matola.

Com base nos dados do presente estudo pude perceber como as inundações produzem experiências e trajectórias específicas entre famílias nesses espaços, e como vimos no início do primeiro capítulo da dissertação que a evolução e a ocupação de territórios pelas diferentes entidades públicas e privadas com destaque para a construção estradas, mercearias, mercados, habitações, é o que em parte pode contribuir para a ocorrência de inundações. Tratam-se de políticas públicas que podem permitir a ocorrência de inundações urbanas, na medida em que a elevação de vias e terrenos sem o planeamento adequado acaba alterando a dinâmica do escoamento das águas pluviais e servidas, criando assim inundações permanentes (Soares, 2016).

Com base nos dados produzidos percebi que os conflitos das famílias para além de estarem aliadas a criação de buracos nas casas e nos quintais são também frutos de inveja e cobiça pelo facto de alguns terem elevado suas casas e terem contruído muros de blocos de cimento e outros terem comprado viaturas com o tempo e que acabam sendo acusados de as inundações serem permanentes pelo facto de terem melhorado suas residências constantemente e na medida em que as inundações fossem repectivos. Os outros conflitos ocorriam entre as famílias que estão em espaços alagados e parentes que vivem em contextos

não alagados, pelo facto da ida repetitiva dos primeiros as casas dos parentes onde as inundações não chegam. E estes por sua vez para além de emigrarem para as casas de seus parentes optavam em arrendar residências devido a insatisfação que os parentes receptivos mostravam sempre que as famílias que vivem em locais inundados buscassem pelo acolhimento. Esta mudança de estratégias pelas famílias mostra como as inundações podem transformar relações sociais entre famílias nesse contexto de pesquisa.

Entretanto, a construção de diferentes infra-estruturas tais como moradias, lojas, estradas e outros serviços sociais que condicionam a passagem da água e consequentemente a ocorrência das inundações influenciou na criação de redes de apoio entre moradores. Uma dessas redes de apoio que foram sendo desenvolvidas passam pela partilha da água para o consumo, de produtos alimentares, de sacos para fazer entulhos para criar barreiras para a água não possa entrar dentro das casas, da partilha de valores monetários, criação de grupos de poupança (xitiques). Estas práticas de interajuda entre moradores decorriam de forma de forma paralela num contexto em que as autoridades estatais e entidades privadas vão também implementando estratégias intervencionistas não só para a reestruturação dos bairros, como também para melhoria de vida das pessoas que habitam nesses espaços. Estas práticas podem ser entendidas como formas específicas que as pessoas encontram para experimentar e responder situações de inundações urbanas. Para Morán (1994), a adaptabilidade do homem às condições do meio se dá principalmente por meio de ajustes reguladores, os quais podem ser sociais, comportamentais ou culturais que são importantes para uma relação estável entre o homem com o meio no qual este reside, como vimos no caso da cidade de Maputo e Matola.

Esta análise insidiu também nas práticas diárias entre os homens e as mulheres, onde vimos que são negociados entre estas duas entidades (quer pelo homem ou pela mulher). E isso mostra como as práticas sociais entre homens e mulheres não são processos estáticos ou mesmo isolados, elas também acompanham as dinâmicas de transformação urbana entre famílias na cidade de Maputo e Matola.

Para Padovan e Ordones (2017), com a entrada e permanência da mulher no mercado de trabalho, o padrão de funcionamento das famílias foi obrigado a se reinventar, trazendo novas perspectivas e novas configurações que interferiram tanto no relacionamento mãe-filho quanto no relacionamento marido-mulher. Hoje, os estudos mostram como um dos

principais desafios da mulher é conciliar o tempo da actividade profissional com as actividades domésticas, sem deixar de lado o momento para cuidar dos filhos na família.

Com uma abordagem distinta de Padovan e Ordones (2017), no presente estudo compreendi que tanto a mulher assim como o homem já não precisam conciliar o tempo da actividade profissional com as actividades domésticas, pelo facto de haver sempre um espaço de negociação constante, gerado entre ambos de acordo com as condições sociais que a realidade oferece e que mesma negociação não afecta na relação conjugal entre ambos.

O outro dado relevante desse estudo ao nível das relações sociais é de que na medida em que as políticas públicas de intervenção são implementadas pelas entidades governamentais e privadas de forma paralela as famílias vão também reintroduzindo estratégias específicas tais como o uso de blocos de cimento, a uso de barreiras na entradas principais das casas, a elevação da camada de nível das casas e dos quintais com o entulho de areia ou mesmo com cimento como resposta as inundações urbanas em Maputo e Matola.

O meu argumento central desta dissertação é de que num contexto em que as entidades governamentais e privadas implementam estratégias de intervenção e de transformação do espaço físico, ocorrem paralelamente transformações ao nível das relações sociais entre indivíduos que habitam zonas inundadas na cidade de Maputo e Matola.

Estas estas análises não ficam esgotadas podendo em futuras pesquisas, procurar-se entender a relevância que a água representa num contexto em que há escassez e abundância em simultâneo e por último entender até que ponto a água é vida e risco para determinados grupos.

Referências bibliográficas

- Agar, Michel. (2008). *The Professional Stranger: an informal introduction to ethnography*: 2nd edition. New York, Academic Press, pp. 113-132.
- Acelrad, Henri. (org.). (2004). *Conflitos ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Almeida, João. (2007). *Antropologia da Solidariedade*. Porto: CEMOROC.
- Aparicio, José. (2006). *Diagnóstico del ecosistema en localidades de la puna y vales interandinos del norte del departamento de La Paz – Bolivia*. IBBA - La paz.
- Araújo, Manuel. G. Mendes. (1999). *Geografia dos povoamentos: análise dos assentamentos humanos rurais e urbanos*. Maputo: livraria Universitária, UEM.
- Bai, X. et. al. (2018). “Six research priorities for cities and climate change”. *Nature*, London, v. 555, n. 7694, pp. 23-25. Disponível em: <https://doi.org/ghxwd4>.
- Barnes, John. Arundel. et. al. (2013). *Contribution of anthropology to the study of climate change*. *Nature Climate Change*, London, n. 3, pp. 541-544.
- Boko, M. et. al. (2007). *África, Mudança Climática 2007: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade*. Cambridge University: Press, pp. 433–467.
- Bourdieu, Pierre. (2001). *Razões Práticas: sobre a Teoria da Acção*. Oeiras: Celta.
- Caomba, David Paulo António. (2018). *Ocupações Informais do Solo Urbano em Moçambique: Análise dos Factores de Motivação e do Risco de Ocupação das Planícies de Inundações na Cidade de Lichinga*. (Tese de Doutoramento em Geografia, com Especialidade em Geografia Física e Estudos Ambientais) Universidade do Minho.
- Cardona, Omar-Dario. (2007). *Seguro colectivo frente a desastres: inovador aporte para gestión de riesgos*. *Red de estudios sociales en prevención de desastres en América Latina*. Enero, pp. 1-11.
- Casal, Adolfo Yanez. (1996). *Antropologia e Desenvolvimento: As Aldeias Comuns de Moçambique*: Lisboa
- Costa, Ana. Bénard e Rodrigues, Cristina. (1999). “Estratégias de sobrevivência de famílias em Luanda e Maputo”. In: *Oppenheimer, Jochen e Raposo, Isabel. Subúrbios de Luanda e Maputo*. Lisboa: Edições Colibri.

- Costa, Sérgio. (1994). “Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil: uma abordagem tentativa”, *Novos Estudos Cebrap*, n.38 pp. 38-52.
- _____. (2011). “*Famílias de Maputo: processos de mobilidade e transformações urbanas*”. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n. 3 (23), pp. 177-192.
- Cohn, Clarice. (2005). *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Dabas, Elina. (2001). *Red de redes: las prácticas de la intervención en redes sociales*. Buenos Aires: Paidós.
- Da Rocha, Priscilla. Ohana. (2007). *À resignificação dos papéis de género na contemporaneidade*. CniCEUB. Brasília.
- Devos, Rafael Victorino; Soares, Ana Paula Marconte; Rocha, Ana Luiza Carvalho Da. (2010). Habitantes do Arroio: memória ambiental das águas urbanas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 22, Editora Universidade Federal do Paraná, pp. 51-64.
- Douglas, Ian *et. al.* (2008). Unjust Waters: climate change, flooding and the urban poor in Africa. *Environment Urbanization*. Volume 20 pp. 187-205.
- Eriksen, Siri; Eduardo J. Silva. (2009). O contexto de vulnerabilidade de uma área de savana em Moçambique: Estratégias domésticas de enfrentamento da seca e respostas às mudanças econômicas. *Ambiente Ciência e Política*, n. 12, pp. 33-52.
- Eskander, Shaikh; Steele, Paul. (2019). *Bearing the climate burden: how households in Bangladesh are spending too much*. IIED, London.
- Harvey, David. (1996). *Justice, Nature and the Geography of Difference*. Malden, MA: Blackwell Editor.
- Hoffmann, Dirk. (2012). *Los impactos del cambio climático en Bolivia*. Relatório do PROAGRO/GIZ. Bolivia.
- Huang, F., Zhou, S., Zhang, S., Wang, H., Tang, L. (2011). Temporal correlation analysis between malaria and meteorological factors in Motuo County, Tibet. *Malar. J*, v. 10, n.1, pp. 54.
- Jorge, Silvia; Melo, Vanessa. (2014). “Processos e dinâmicas de intervenção no espaço peri-urbano: o caso de Maputo”. *Cadernos de Estudos Africanos*, n. 27, pp. 55-77.

- Júnior, Lindberg Nascimento. (2018). *Clima Urbano, Risco e Vulnerabilidade em Cidades Costeiras do Mundo Tropical: Estudo Comparado Entre Santos (Brasil), Maputo (Moçambique) e Brisbane (Austrália)*. São Paulo.
- Junior, Lindberg Nascimento; Neto, João Lima Sant'Anna. (2020). Risco Climático em Maputo: Uma Análise a Partir da Produção do Espaço Urbano. In: *Abe África: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, v.4, n.4.
- Giddens, Anthony. (2010). *Política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goffman, Erving. (2012). *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. 2 Edição. Petrópolis: Vozes.
- Gonzáles, Javier. (2012). *El Chaco y los efectos del cambio climático*. Consorcio DAS Chaco – Chiquitania en Bolivia
- Gottdiener, Mark. (1993). *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Edusp.
- Kaul, Inge; Grunberg, Isabelle & Stern, Marc. (orgs.). (1999). *Global public goods*. Oxford: Oxford University Press.
- Koury, Mauro Guilherme Pinheiro. (2014). *Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade*. *Etnográfica*, vol. 18 (3).
- Keohane, Robert. (1983). “*The demand for International Regimes*”, in S. Krasner (org.), *International regimes*, Nova York: Cornell University Press.
- Krasner, Stephen. (1983). “*Structural causes and regime consequences: regimes as intervening variables*”, in Stephen Krasner (org.), *International Regimes*, Nova York: Cornell University Press.
- Laukkonen, Julia et. al. (2009). Combining climate change adaptation and mitigation measures at the local level. *Habitat International* n. 33, p. 287–292.
- Lihahe, Danubio. (2009). *Cheias e Reassentamento das Populações no Vale do Zambeze: velhos problemas, novas soluções?* Lisboa: ICS.
- Lobell, David. et. al. (2008). *Priorizando as necessidades de adaptação às mudanças climáticas para a segurança alimentar em 2030*. *Science*, vol. 319, pp. 607-610.
- Loforte, Ana Maria. (1996). *Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [Dissertação de doutoramento]

- Machili, Boavida. Jorge. (2020). As mudanças climáticas na Província do Niassa e seu impacto para a agricultura. *Holos*. vol.36 (7), pp. 1-15.
- Maddison, David. (2007). *The Perception of and Adaptation to Climate Change in Africa*. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1005547>. Acesso no dia 17 de Julho de 2022.
- Maquidade, Amade Aly. (2018). *Morfologia Urbana da Matola: Tendências de Crescimento da Cidade*. (Tese de Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território), Universidade de Porto.
- Maloa, J. M; Júnior, L. N. (2018). *A Dispersão Urbana em Moçambique: Uma Contribuição ao Estudo da Produção do Espaço Urbano em Maputo*. In: Curitiba, v.45, n. 1. pp. 91 – 109
- Mauss, Marcel. (2003). *Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão Da Troca Nas Sociedades Arcaicas*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Matenga, A. (2000). *Município de Maputo e Gestão do Solo Urbano: caso específico dos bairros da Polana Caniço e da Costa de Sol*. Trabalho de Licenciatura FAEF:UEM
- Martínez-Alier, Joan. (2007). *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. Trad. Maurício Waldman. São Paulo: Contexto.
- Martinho, M.J. & Kreisler, I. (2009). *Inclusion of adaptation to climate change in the district plans: methodological guide - proposal arising from the experience in Chicualacuala, Gaza*. Moçambique, PNUD.
- Mccormick, John. (1989). *Reclaiming paradise: the global environmental movement*. Bloomington, Indiana University Press.
- Mead, Margaret & Macgregor, Frances. (1951). *Growth and Culture, a photographic study of Balinese childhood*. New york: GPPS.
- Mioto, Regina Célia Tamaso. (1997). “Família e serviço social, contribuições para o debate”. *Serviço Social e Sociedade*. n. 55, pp.14-30.
- Morán. Emílio. (1994). *Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

- Naess, Lars Otto. *et. al.* (2005). Institutional adaptation to climate change: Flood responses at the municipal level in Norway. *Global Environmental Change* v. 2, pp. 125-138
- Nicholls, Robert. (2004). Coastal flooding and wetland loss in the 21st century: changes under the SRES climate and socio-economic scenarios. *Global Environmental Change* v. 14, p. 69–86.
- Nordgren, Mark. (2011). Percepciones y síntomas de alteraciones en el clima de cuatro regiones de Bolivia: y algunas oportunidades de resistencia al cambio climático. *La Paz: Centro de Investigación y Promoción del Campesinado.*
- Orlove, et. al. (2004). Etnoclimatología de los Andes. *Investigación y Ciencia*, Barcelona, n. 330, pp. 77-85.
- Padovan, J. De A. M.; Ordonez, S. A. D. (2017). Família e trabalho: a conciliação de múltiplos papéis da mulher no século XXI. *Revista Conbrad*. Maringá, v. 2, n. 1, p. 181-194.
- Pimentel, Joana da Silva. (2013). *Os espaços abertos públicos da cidade de Maputo*. (Tese de Mestrado em Arquitetura Paisagista), Universidade de Évora.
- Porter, G. & Brown, J. (1996). *Global environmental politics*. Boulder, Westview Press.
- Ribeiro, Raphael & Júnior, João. (2014). *Considerações teóricas acerca do conceito de bairro rural e de comunidade rural*. Uberlândia: LAGAA.
- Robbins, P. (2015). *Political Ecology: a critical introduction*. West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Sanchez-Rodriguez, R. (2009). “Learning to adapt to climate change in urban areas. A review of recent contributions”. *Current opinion in Environmental Sustainability*. Pag. 201-206.
- Sand, Peter. (ed.). (1992). *The effectiveness of international environmental agreements*. Cambridge, England, Grotius Publications.
- Soares, Pedro Paulo De Miranda Araújo. (2016). *Memória ambiental na bacia do uma: Estudo antropológico sobre transformações urbanas e políticas públicas de saneamento em Belém (PA)*. Porto Alegre, [Tese de Doutorado]

- Stern, N. (2006). "The economics of Climate Change". *The Stern Review*. Cambridge University.
- Swyngedouw, Erik. (2009). A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e "urbanização-ciborgue". In: Acselrad, H. (org.). *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: Lamparina, p.99-120.
- Tavares, Fátima. (2001). Schutz e Simmel: sobre os dilemas da condição social do "estrangeiro". *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 78-90.
- Tedesco, João Carlos. (1999). *Terra, Trabalho e Família: Racionalidade Produtiva e Ethos Camponês*. Passo Fundo: EDIUPF.
- Tilio, Neto. (2010). *Ecopolítica das mudanças climáticas: o IPCC e o ecologismo dos pobres*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro.
- Valencio, Norma. (2010). "Desastres, ordem social e planejamento em Defesa Civil: o contexto brasileiro". *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 9, n. 4, pp.748-762.
- Vasconcelos, Mônica Alves. (2020). *A natureza mudou: alterações climáticas e transformações nos modos de vida da população no baixo rio negro, Amazonas*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Universidade Federal Amazonas.
- Wall, Karin. (2005). *Os grupos domésticos de co-residência*. SI, p. 553-597.
- Wilson, Leanne. (2007). *Avaliação e vulnerabilidade às mudanças climáticas ao setor de recursos hídricos*. Maputo. pp. 3-7.
- Winters, Christian. (2012). Impact of Climate Change on the Poor in Bolivia. *Global Majority E-Journal*, v. 3, n. 1, p. 33-43.
- Young, Oran. (ed.). (1997). *Global governance: drawing insights from the environmental experience*. Cambridge Press.
- Zandamela, Américo. (2017). "Dinâmicas de reprodução social entre um grupo de reassentados na zona de Chiango, na Cidade de Maputo". Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, no Departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

Zacarias, Daniel. (2013). *Vulnerabilidade Comunitária às Mudanças Climáticas no Município de Inhambane*. Centro de Desenvolvimento Sustentável para as Zonas Costeiras. Xai-Xai.

Zolho, Roberto. (2010). *Mudanças Climáticas e as Florestas em Moçambique*. Centro de Integridade Pública: Maputo.

Relatórios

INE - Delegação da Cidade de Maputo. 2020. *Anuário Estatístico da Cidade de Maputo Cidade*. Maputo: Direção Nacional de Estatística.

UNU - Habitat. 2020. *Relatório da Avaliação de Vulnerabilidade e resposta à COVID-19 nos Municípios de Moçambique*. Maputo: UNU-Habitat – Maputo.